

MARIA



www.avemariainternet.com.br

**O Deus
desarmado**

**Construir
uma cultura
autêntica**

**Fé
coopera
com o
progresso
social?**

A casa da mãe adolescente

O mundo em dados

II

Com apenas 10 % da população do planeta, os países do G8 (Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Grã Bretanha, Alemanha, Japão... e, em segundo plano, Rússia) concentram 60% da riqueza total. Hospedam a grande maioria dos 1 % dos mais ricos do mundo (apenas 50 milhões de pessoas), que tem renda equivalente aos 57% dos mais pobres (aproximadamente 2,7 bilhões de seres humanos).



Na Cúpula do Milênio, convocado pela Organização das Nações Unidas, entre os dias 6 a 8 de setembro de 2000, os governos se comprometeram reduzir à metade a pobreza, nos 15 anos seguintes.

Nos EUA, vivem os 6% da população mundial, com 50% da riqueza do mundo.

No mundo, gastam-se 900 bilhões de dólares em causas militares. Dessa soma, 50% gastam os EUA. 10% desse orçamento (perto de 40 bilhões de dólares) seria suficiente para assegurar o essencial à vida a todos os habitantes do mundo, de acordo com a ONU.



O custo para obter e manter o acesso de todos os seres humanos à instrução básica, à atenção básica da saúde, à atenção da saúde reprodutiva, a uma suficiente alimentação, água limpa e saneamento... é, aproximadamente, de 44 bilhões de dólares por ano. Quantidade inferior a 4% da riqueza combinada das 225 pessoas mais ricas do mundo.

As **3 pessoas mais ricas** do mundo têm recursos que superam o PIB combinado dos 48 países menos adiantados.

As **15 pessoas mais ricas** têm recursos que superam o PIB total da África subsaariana.

As **32 pessoas mais ricas**, têm recursos que superam o PIB de toda a Ásia Meridional.

Os recursos das **84 pessoas mais ricas** superam o PIB de toda a China (1,2 bilhão de dólares).

As **225 pessoas mais ricas** têm uma riqueza agrupada superior a um trilhão de dólares, que é a receita anual de 47% da população mundial (aproximadamente 2,5 bilhões de pessoas).



Fotos: Avelino Godoy



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria pertence à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz.

Redação: Avelino S. de Godoy; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP

01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou

Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada

Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu,

SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura ou

renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por

cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado

nos Bancos: ITAÚ — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO

BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos represen-

tantes, que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias

da Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber as anui-

dades correspondentes às assinaturas da revista Ave Maria.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Ligue grátis: 0800-555-021
ou pelo Fax: 3663-3491

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas da revista *Ave Maria*, peçam a credencial fornecida a todos eles.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Andréia Maria Ferreira Reis; Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan.

Minas Gerais: Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes. **Goiás:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva; Sérgio Pierozan. **Paraná:** José de Lima; Sérgio Pierozan (Curitiba). **Rio Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech. **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda.

Merenda Representações: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

Se tiver alguma dúvida sobre sua assinatura

ligue para a revista Ave Maria:

0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br



Nos caminhos de Jesus

De mãos postas junto ao rosto, com um olhar, misto de ternura e adoração, a velhinha fixava os olhos no dourado ostensório, posto sobre o altar, cercado de clássicos castiçais e multicoloridas flores. O odor de incenso impregnava a pequena igreja e o povo cantava devotamente: “Tão sublime sacramento... adoremos neste altar...”

Era o final das cerimônias da festa de “Corpus Christi”. A procissão tinha terminado e d. Maria, sempre de véu branco e rosário na mão, contemplava agora o mistério, o sinal sagrado da presença de Cristo. Perguntada, depois, se gostara da procissão, respondeu: “muito, caminhei com Jesus e ele caminhou com a gente...”

A fé cristã possibilita-nos enxergar o invisível aos olhos humanos, o espírito de Jesus Cristo que congrega e conduz para caminhos de esperança e paz. Sua presença na história foi uma lição divina ensinando que, se nos aproximarmos do semelhante, com amor, como ele ensinou, Deus realizará milagres.

Neste número da revista *Ave Maria*, na Palavra do Papa: “Construir uma cultura autêntica” (p.6), João Paulo II lembra que uma das atitudes da Igreja é encorajar o desenvolvimento das ciências especialmente no contexto da sua promoção da dignidade e do valor da vida humana.

A Campanha da Fraternidade continua a nos questionar: “Preocupação com a água, por quê?” (p.7). Não se importar com os carentes de água potável é ir contra a corrente do projeto de Deus.

“Perdão” (p.8), é o tema de João B. Libânio. Para o autor, quem perdoa e quem é perdoado saem mais verdadeiros, mais inteiros, mais humanos. Perdoar é sinônimo de generosidade, é caminhar juntos mais uma vez.

No artigo: “Farinha-ungida-de-israel e outros produtos” (p.9), Luís Erlin discorre sobre os novos símbolos das igrejas pentecostais. Para que eles servem? Para levar o fiel a comportamentos mais solidários de fraternidade ou reforçar o intimismo? O Criador e o projeto do seu reino estão em primeiro lugar ou Deus é somente um detalhe?

Em “Construção do sentido” (p.10), Frei Betto diz que a educação, cujo processo se inicia na família, deveria sempre nos ajudar a enxergar o mundo, o nosso lugar nele e nossas relações com os demais, para a melhora coletiva e individual de nossa humanidade.

Maria Clara Bingemer, no artigo: “O Deus desarmado” (p.11), propõe uma urgente quebra do modelo de um deus violento para conhecermos o Deus que é amor, acolhedor e bondoso, não o da guerra, mas o da paz.

Em “Casa da mãe adolescente” (p.13), pe. Zezinho conta uma história de amor, maior que o preconceito, em que a personagem central acolheu, em vez de expulsar; abrigou, em vez de enxotar; amou em vez de odiar. É o mistério do espírito do bem com o qual Jesus viveu.

Provavelmente, d. Maria, no ardor da contemplação da Eucaristia, sentiu-se entusiasmada como os discípulos de Emaús cujos corações ficaram abrasados quando Jesus, caminhando com eles, explicava-lhes o sentido de Deus na História (cf. Lc 24,13ss).

P.C.G.

Pescadores denunciam crime de pistolagem

Luís Correia, PI, 15/6. Em 1º de abril passado, o pescador Sebastião Marques de Souza, 52 anos, foi assassinado em Mexeriqueira, município de Luís Correia, Piauí, uma das principais lideranças da comunidade. Segundo o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), há indícios de um crime de pistolagem, porque a vítima não tinha inimigos e vinha sendo ameaçada por conta de sua postura em defesa

das áreas de mangues e do rio. Desde o ano de 2003, vem acontecendo conflito de terra devido à especulação para investimento em fazendas de camarão, prática que traz danos irreparáveis para as populações de pescadores. Estes espaços são procurados para a instalação de empresas e pousadas de luxo.

A comunidade vem se reunindo e manifestando sua insatisfação com a atividade, buscando garantir a

terra e o acesso ao rio e às áreas de manguezais, sustento de suas famílias. As lideranças da comunidade e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) vinham sendo ameaçadas de morte.

O CPP alerta que outras lideranças continuam sendo ameaçadas. A pastoral pede solidariedade. Para colaborar, exigindo agilidade na definição do caso, deve-se enviar mensagem para o Promotor de Justiça Edicel Costa

Oliveira Belleza do Nascimento e ao Juiz de Direito João Bandeira Monte Júnior, na Rua Jonas Correia, 296, Centro, CEP: 64.220-000, Luís Correia, Piauí. Contato: (86) 367 1356 (CPP).


Ao publicar em meio impresso, citar a fonte e enviar cópia para: Caixa Postal 131 - CEP 60 001-970 - Fortaleza, Ceará. — Fontes: **Adital** (Agência de informação "Frei Tito" para a América Latina) e *Carta-Capital*. 

Encontro nacional de leigos claretianos

Ribeirão Preto, SP, 2/5. Sob a coordenação de Mariza Garbe, de Londrina, PR, cerca de 60 pessoas, vindas de Santa Rita do Sapucaí e Sul de Minas de São Paulo, Capital, Araçatuba, Campinas, Hortolândia, Rio Claro, Ribeirão Preto, SP, de Londrina, PR, de Sapucaia e Esteio, RS, reuniram-se, de 30/4 a 2/5, na Casa de Encontros Santa Bakita, Ribeirão Preto com os sacerdotes claretianos: Eugênio Pessato, Írio Rissi e Brás Lorenzetti, a fim de discutirem a aplicação do carisma de Antônio Maria Claret às suas vidas. Serviram-lhes de roteiro os temas: Uma leitura da realidade e os conseqüentes desafios e Resposta a esses desafios.

Ao testemunhar sua recente participação como observador da 60ª Sessão dos Direitos Humanos, realizada em Genebra, Suíça, pe. Brás falou do estimulante caminho, iniciado pelos claretianos da América Latina, cujo objetivo é futuramente participar das sessões dos Direitos Humanos das Nações Unidas, como organização não-

governamental. Constatação animadora na pastoral social já desenvolvida pelos grupos é a passagem do assistencialismo para a promoção humana em busca de uma ação transformadora.

Outra novidade foi a presença, no evento, do Grupo de Jovens Claretianos. Fundado em 9/3, procura viver a espiritualidade de Claret. Na comunidade, todos têm uma atuação específica, dando testemunho cristão no ambiente em que vivem. Em relação ao Encontro, vários jovens disseram que participar, de igual para igual, com os adultos, através de significativa contribuição nos trabalhos do grupo foi motivo de grande alegria e os fez, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes dos demais. Essa satisfação se completou com a proposta concreta de elaborar material formativo para os iniciantes no Movimento de Leigos Claretianos, disponibilizando-o através do Portal claretiano na internet: www.claretianos.com.br 





Quem foi Nhá Chica?



Pintura de A. Serva, 1966

da heroicidade das virtudes e, depois, a concessão do título de bem-aventurada. Mas se a isto chegarmos um dia, teremos um estímulo notável na Igreja do Brasil. Veremos quanto é precioso, na comunhão dos santos, o exemplo próximo de nós de uma mulher simples, virtuosa, ativa.

Presentemente, está sendo promovida a causa de beatificação de *Nhá Chica*, tendo à frente, como Postulador, Frei Paulo Lombardo, OFM, e como Vice-postuladora, a Irmã Célia Bastiana Cadorin, religiosa da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, que tinha assumido a causa de Madre Paulina, canonizada, em Roma, no dia 19 de maio de 2002. Certamente, ao ter aceitado trabalhar pela causa de Nhá Chica, terá sido atraída pela mesma dedicação aos pobres, característica da vida da primeira santa brasileira, e por terem sido ambas tão devotas da mãe de Jesus.

A revista *Ave Maria* quer, com esta nota, fazer mais conhecida esta filha de escravos, cuja cultura é tão próxima de nós e que poderá vir a ser a primeira leiga do Brasil a ser beatificada. Correspondência para: Associação Beneficente Nhá Chica - Rua da Conceição, 165. Caixa Postal 15. CEP: 37443-000 - Baependi, MG. Tel.: (35) 3343-1077, ou pelo endereço eletrônico: www.nhachica.hpg.com.br

São Paulo, SP, 2/6. Francisca de Paula de Jesus Isabel, afetuosamente conhecida pelo nome de *Nhá Chica*, nasceu, em 1810, em Rio das Mortes, perto de São João del Rei, MG. Dedicou toda sua vida a praticar a caridade e, já em vida, era tida como santa.

A seu respeito, assim escreveu, em 1990, o então bispo da diocese de Campanha, d. Tarcísio Ariovaldo Amaral: *Era mulher simples, trabalhadeira, sem estudos... tinha a sabedoria daqueles que são iluminados pelo Espírito Santo. É isto que explica a personalidade peculiar de Francisca de Paula de Jesus que, em vida, atraía à sua casa de Baependi... todos os necessitados de seu conselho ou do conforto de sua oração. Por isso, sua morte, em 1895, não conseguiu fazê-la esquecida. Em resposta ao anseio popular de vê-la nos altares, assim completou d. Amaral: É longa e difícil a caminhada até a declaração, pela Igreja,*

A IGREJA NO MUNDO

- Notícias **4**

PALAVRA DO PAPA

- Construir uma cultura autêntica **6**

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

- Preocupação com a água, por quê? (Continuação) **7**

FÉ E CIDADANIA

- Perdão **8**

J. B. Libânio

- Farinha-ungida-de-israel e outros produtos **9**

Luís Erlin

- Construção do sentido **10**

Frei Betto

- O Deus desarmado (Continuação) **11**

Maria Clara L. Bingemer

- Casa da mãe adolescente **13**

Pe. Zezinho

ENTREVISTA

- Fé cristã coopera com o progresso social? **14**

Cláudio Gregianin

ALCOOLISMO

- Fantasia das drogas **16**

Manoel Dias de Oliveira

A PALAVRA É...

- Batismo - Crisma **17**

Luís Erlin

HISTÓRIA DA IGREJA

- As religiões em torno de Deus **18**

José Maria Vigil

EDUCAÇÃO

- Complexidade e holística: um primeiro olhar **20**

Izabel Petraglia

LINGUAGEM POSITIVA

- Positividade na construção da PAZ **23**

Francisco Gomes de Matos

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

- Senhora de Fátima **24**

Roque Vicente Beraldi

LITURGIA DA PALAVRA

- De 1º a 29 de agosto **25**

Adelino Dias Coelho

MEU LAR

- Roupas sujas se lava... **31**

Wimer Botura Jr.

CULINÁRIA

- Vamos cozinhar?! **32**

Yvonne Barros Oliveira

TURMA DA MAÍRA

- 33**

Tina Glória

Construir uma cultura autêntica

O papa João Paulo II recebeu, na manhã de 8 de maio, numeroso grupo de embaixadores, representantes de vários países acreditados junto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

No início do encontro, realizado na Sala Clementina, Vaticano, o Santo Padre foi saudado em nome de todos os diplomatas presentes, pelo Embaixador Permanente Delegado da Nigéria e Presidente da XXXII Sessão da Conferência Geral da UNESCO, o professor Michael Omolewa que afirmou, entre outras coisas: "A UNESCO tem um excelente aliado e colaborador em Vossa Santidade, porque a sua mensagem de paz, de direitos humanos e de liberdades fundamentais faz parte da essência da missão da UNESCO".

Em seguida, o Sumo Pontífice pronunciou um breve discurso em Inglês e Francês, cujo conteúdo agora damos a conhecer:

Senhor Presidente, Excelências, é com afeto que vos saúdo, embaixadores acreditados junto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, no momento da vossa visita ao Vaticano, enquanto agradeço ao Embaixador Omolewa os amáveis sentimentos que me desejou expressar. Faço votos para

que a vossa visita à Cidade Eterna vos enriqueça e renove os vossos esforços em ordem a proteger e promover o autêntico progresso educativo, científico e cultural.

O desenvolvimento da sociedade humana está diretamente relacionado com o progresso da cultura. Na realidade, a cultura é um modo específico de os homens "viverem" e "serem" e, ao mesmo tempo, forma um vínculo que determina a índole singular da existência social do homem. Com efeito, os homens levam uma vida verdadeiramente humana em virtude da cultura,

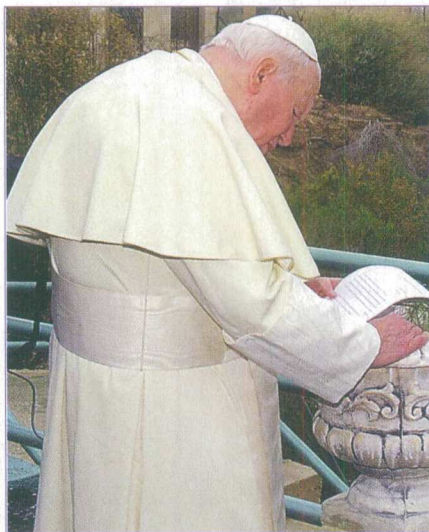


Foto: L'osservatore Romano

que tem nas artes e nas ciências uma das suas expressões mais importantes.

A Igreja foi sempre amiga das artes e das ciências. Na verdade, a herança artística mundial constitui um tesouro de criatividade humana, ela oferece um testemunho eloquente da inteligência dos homens, que participam na obra do Criador divino. A Igreja interpelou sempre as belas artes, para a ajudarem a

celebrar o dom da vida, e sobretudo os seus ritos sagrados, de maneira autenticamente digna, justa e bela.

Agindo desta forma, ela ajudou a desenvolver um incomparável património de música, de arte e de literatura, que representa uma contribuição significativa para o progresso da cultura. Além disso, a Igreja encorajou o desenvolvimento das ciências, especialmente no contexto da sua promoção da dignidade e do valor da vida humana.

Este compromisso expressou-se de maneira concreta através da criação de numerosas instituições, como a Pontifícia Academia das Ciências que recentemente celebrou o IV centenário de fundação; a Pontifícia Academia das Ciências Sociais; e a Pontifícia Academia para a Vida.

Infelizmente, nestes tempos de dificuldade, observamos com frequência que o nosso progresso está ameaçado pelos flagelos da guerra, da pobreza, do racismo e da exploração do próximo. Estas influências nefastas não apenas pesam sobre a nossa existência humana, mas limitam igualmente a nossa capacidade de construir um mundo melhor.

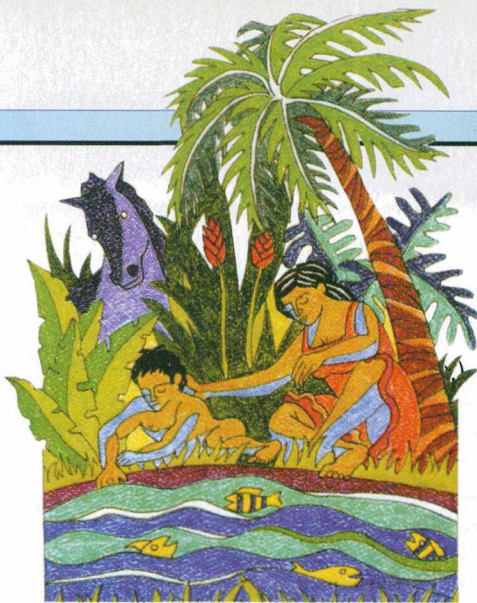
Rezo a fim de que as organizações como a UNESCO continuem a constituir um elemento essencial para a edificação de uma cultura autêntica, fundamentada sobre a paz, a justiça e a igualdade. Enquanto vos formulo os melhores votos para o cumprimento da vossa missão, invoco sobre vós e todos os vossos colegas a abundância das bênçãos divinas.

João Paulo II

Preocupação com a água, por quê?

(Continuação)

- Porque milhões de crianças morrem, no mundo, vítimas da água contaminada.
- Porque está sendo ameaçado o direito fundamental dos povos de acesso à água.



VER

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas não tem água de qualidade para beber e 2,4 bilhões não têm serviços sanitários adequados. A cada ano, morrem 2 milhões de crianças devido a doenças causadas por água contaminada. Nos países mais pobres, uma em cada cinco crianças morre antes dos 5 anos de idade por doenças relacionadas à água (Texto-base, nº 6).



O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) fizeram, em muitos casos, novos empréstimos sob a condição de privatizar a água e outros serviços do país indvidado. "Uma revisão casual dos empréstimos do FMI em 40 países, durante o ano 2000, revelou que 12 países tiveram como condições estas cláusulas. Em geral, países africanos, menores, mais empobrecidos e mais individados. Mais de 5 milhões de pessoas morrem a cada ano na África por deficiente acesso à água (Global Water Grab pamphlet by Polaris Institute www.polarisinstitute.org - in Grupo de Trabalho sobre Ecologia, Em Defesa de Nossa Irmã Água, Roma, 2003, p. 9 - www.ofm-jpic.org/agua).

JULGAR

Água é uma necessidade primária, portanto, direito e patrimônio de todos os seres vivos, não apenas da humanidade. A água é, por excelência, um bem de destinação universal. A primazia da vida se estabelece sobre todos os outros possíveis usos da água. Nenhum outro uso da água, nenhum interesse de ordem política, de mercado ou de poder, pode se sobrepor às leis básicas da vida (Texto-base, nº 13).



O Vaticano pronunciou-se sobre a privatização da água e o bem comum: "existem perigos inerentes associados à visão da água apenas como uma outra comodidade, a ser vendida no mercado. O princípio da destinação dos bens da criação confirma que os povos e países, incluindo as futuras gerações, têm o direito fundamental ao acesso a esses bens... Deve ser enfatizado o fortalecimento dos governos e comunidades locais para administrar os suprimentos de água. A administração da água deve ser baseada na participação ativa, envolvendo usuários e políticos em todos os níveis" (Fórum Mundial da Água, Kyoto, 2003, in Em Defesa de Nossa Irmã Água, p. 17).

AGIR

Diante da crise quantitativa e qualitativa da água, além do escasseamento social, cabe a cada cidadão, a cada comunidade, a cada povo ter o controle sobre a qualidade de suas águas e a co-gestão no seu gerenciamento. Embora a participação dos técnicos seja fundamental, essa questão cabe a todos os cidadãos. É um novo tempo na história da água, é uma nova atitude que se impõe (Texto-base, nº170).



Questionemos criticamente a liberação e a comercialização dos serviços de água e saneamento, em defesa dos direitos das comunidades locais a administrar suas reservas hídricas ...Em todo acordo envolvendo o setor privado com o Estado, deve existir uma paridade geral entre as partes permitindo decisões bem informadas e claros acordos. A principal preocupação no envolvimento da iniciativa privada no setor da água é assegurar os esforços para obter um serviço de água que seja eficiente e confiável que não cause efeitos negativos para os pobres e famílias de baixa renda (Em Defesa de Nossa Irmã Água, pp. 23 e 17).

Perdão

J. B. Libânio

Quem perdoa e quem é perdoado saem mais verdadeiros, mais inteiros, mais humanos depois desse gesto.



A etimologia de perdão remete-nos à experiência fundamental de tal termo. Vem do latim *per+donum*, um dom levado à perfeição. Com efeito, a partícula latina *per* significa, em algumas palavras, que aquela realidade é levada a seu grau maior. Vejam o próprio termo perfeição. "Feição", na sua raiz, significa algo feito, vindo do verbo fazer. Se aquilo que fazemos chega a um nível muito elevado, exprimimo-lo com o afixo *per* e temos, portanto, a *per+feição*.

Assim acontece com doar. Se nosso gesto de doação, de dom atinge o grau mais sublime, traduzimos tal realidade acrescentando o mesmo afixo *per*. Temos então *per+doar*, *per+dom*. Portanto, perdoar é doar-se em plenitude. Mas como?

A plenitude do dom é a vida. Perdoar é restituir à vida a quem nos ofendeu. Toda ofensa, em grau menor ou maior, é um atestado e um atentado de morte contra a vida. O outro está aí vivo, feliz e, pelo ataque ou agressão, alguém lhe atenta contra a vida. Quem o faz está morto por dentro. Desejar o mal a alguém mata primeiro quem o deseja e só depois a quem o atinge.

O perdão restabelece a ordem de vida. Digo a quem me ofendeu, me desejou à morte, morrendo ele mesmo interiormente, perdô-o, concedo-lhe a vida e recupero-a para mim. Quem perdoa e quem é perdoado saem mais verdadeiros, mais inteiros, mais humanos depois desse gesto.

A ofensa e o perdão acontecem em diversos níveis. A experiência primigênia que fazemos do perdão é entre nós humanos. É sinal visível de nossa capacidade criativa. O interior da família é o espaço primeiro do perdão. E muitas vezes extremamente difícil. Que digam os esposos ou esposas traídos, os filhos ou filhas rejeitados, os irmãos disputando o terreno do afeto ou as heranças dos pais. É aí também que se dão os perdões mais generosos e comoventes.

As instituições também ferem as pessoas. E elas encarnam-se em seus representantes principais. Daí a necessidade de que eles manifestem o perdão em nome dos que antes dele ou na sua gestão feriram as pessoas.

João Paulo II não quis entrar no novo milênio sem reconciliar a Igreja católica com a história. Ela na pessoa de seus mais altos dignitários e na

massa de seus fiéis perpetrou crimes que a mancharam. Inquisição, escravidão, meios coercitivos de evangelização, censura, tortura, desrespeito a direitos fundamentais da pessoa humana e especialmente da mulher ecoam em nosso coração de católicos como acusações históricas reais. Diante dessas manchas escuras, o Papa pediu, diante do mundo e de Deus, várias vezes, perdão em nome da Igreja.

No início da Quaresma de 2000, quis marcar tal atitude com gesto simbólico expressivo. Reuniu-se na Basílica de São Pedro com cardeais de peso da Cúria Romana, espécie de seu ministério de governo, diante de enorme crucifixo. Fez desfilar vários cardeais e arcebispos concelebrantes, pronunciando cada um deles um pedido de perdão pelos pecados próprios de seu dicastério. Resumi o ato na consigna: "Perdoemos e peçamos >>>

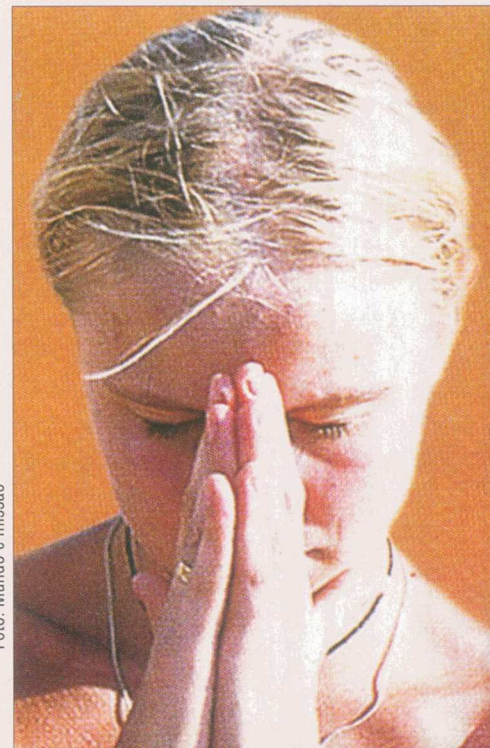


Foto: Mundo e missão

“Farinha-ungida-de-israel” e outros produtos

Luís Erlin

Farina-ungida-de-israel, parece brincadeira, piada, mas é sério, muito sério. Num desses canais de TV aberta, que sobrevivem vendendo parte de seu horário nobre às igrejas das mais variadas, comecei a ver meio que dormindo a promessa milagrosa do “bispo”, acordei assustado. A farinha trazida (de fato) de Israel, seria unguida por 318 pastores (Como se unge a farinha? Boa pergunta!). O “bispo” convidava os devotos a freqüentarem a igreja para retirarem a farinha unguida – a promessa era de prosperidade financeira.

Senti interesse pelo assunto, assisti mais programas, para minha surpresa, a farinha era um dos muitos elementos comercializados religiosamente. Testemunho ter ouvido outras promessas, como dos frasquinhos de água trazida do rio Jordão. Ou ainda, do azeite bento do Monte das Oliveiras, da chave da porta do céu, da terra benta de Jerusalém e a lista segue... Os possíveis resultados quase sempre giravam em torno da bonança financeira.

Não se pode desvincular a religião dos símbolos, a Igreja Católica está cheia de símbolos que levam os fiéis a uma experiência mais concreta do amor de Deus. Dentre os símbolos, as

Deus é um detalhe nesta história toda, poder mesmo tem o dinheiro que a farinha trará.

Foto: Avelino S. de Godoy



imagens dos santos, sobretudo para o povo simples, é uma ante-sala do contato com o Altíssimo. A veneração dos católicos às imagens de santos é o que essas seitas nascentes mais criticam. Mas o que dizer da tradição de dois mil anos da Igreja? Não estamos nos aventurando na fundação de uma nova fé, estamos preservando uma riqueza histórica.

A falta de símbolos para essas igrejas nascentes, faz com que elas se armem contra a simbologia das “grandes rivais”, por isso criticam tanto o catolicismo. Sociologicamente, ao atacarem as grandes instituições religiosas, buscam a sobrevivência. Porém, como

os símbolos são indispensáveis, e essas seitas precisam de novidades que se distanciam dos pré-estabelecidos, surge então a farinha-ungida, a água-do-jordão, o azeite-do-monte-das-oliveiras, a terra-de-jerusalém, a chave-do-céu...

Eles não veneram imagens, isso é verdade, mas não deixam de venerar.

Fico imaginando o fiel com aquele pacotinho de farinha, carregando como amuleto o que foi unguido por 318 pastores. Alguns com toda certeza rezam diante da farinha, pedindo auxílio e proteção. Ajoelham ante o frasco bento de azeite e pedem prosperidade. Bebem, como se fosse eucaristia, a água-mágica-do-jordão. Adoram a farinha, a água, o azeite, a terra? Prefiro acreditar que não.

Todos esses novos símbolos geram dinheiro, lucro. Talvez esse sim seja “O” adorado, reverenciado, cultuado.

— *Venha, e Deus terá que lhe abençoar com bens materiais, porque você foi fiel.* Deus terá... Deus é um detalhe nesta história toda, poder mesmo tem o dinheiro que a farinha trará.

Farinha-ungida-de-israel, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém!



Pe. Luís Erlin é missionário claretiano, em São Paulo.

>>>>> perdão”. Se uma instituição de tanta credibilidade desceu de seu pedestal para pôr-se no banco do réu à espera do perdão de Deus e da história, a humanidade seria outra, se nações e governos criminosos imitassem tal gesto em vez de desacreditar tribunais internacionais que lhes sancionam os delitos. Circulou na imprensa uma

carta do Cardeal Law, de Boston, nos EUA, em que ele confessava os crimes de seu país como a fonte da odiosidade que ele sofre. Para ele só uma atitude de pedido de perdão reconciliaria seu país com a humanidade e não o uso da força bruta.

O perdão reconstrói a paz interior, a paz na família e a paz entre os povos.

E essa reconciliação entre nós se torna sacramento da reconciliação com Deus, o último elo e o mais importante do perdão. Perdoados por Deus e transformados interiormente por tal graça, nascemos de novo.



J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Construção do sentido

A educação deveria, antes de tudo, ser um método de produção de sentido. É o que imprime consistência à vida.

Frei Betto

Todo aprendizado dá-se numa rede de relações complexas, mas tem seu ponto de partida nas aptidões cognitivas do aprendiz. Isso supõe implicações, não só culturais e ambientais, mas também genéticas. Nada de estranho que o filho do músico revele tendências musicais. O difícil é fazê-lo interessar-se por biologia. Por isso, muitos estudantes se perguntam por que aprender aquilo que, aparentemente, não terá nenhuma utilidade em suas futuras ocupações.

Por força da demanda do mercado, a escola tende a preparar alunos cada vez mais aptos à competitividade profissional, que se inicia na boca estreita do funil do vestibular. Outrora, característica dos jogos, a competição imprime, hoje, caráter à vida social. Com a diferença de que, nos jogos, o seu ciclo recomeça a cada nova partida, possibilitando ao derrotado de hoje tornar-se o vitorioso de amanhã. Já na vida social a derrota tem o amargo sabor do fracasso, o que engendra frustração e desesperança. Enquanto a vitória atrai presunção.

A educação deveria, antes de tudo, ser um método de produção de sentido. É o que imprime consistência à vida. Porém, os recursos capazes de induzi-la nessa direção vêm sendo postos de lado: o ensino de filosofia e sociologia, de literatura e artes, a introdução ao universo das religiões, etc. O pragmatismo vence a contemplação, e a teoria, a ação. O sentido, enquanto proposta de vida ética e altruísta, cede

lugar à oportunidade. O que é objeto e está fora — o dinheiro — passa a gerar mais motivação que os valores estruturadores da subjetividade. Esse vazio abre espaço a um profissionalismo vulnerável à antiética, ao arrivismo e ao alpinismo social a qualquer custo.

A produção de sentido é um processo que se inicia na família. É dela que a criança recebe os primeiros "óculos" de leitura do mundo, de seu lugar nele, de sua relação com os demais. Ali, firmam-se, ou não, o preconceito, a discriminação, o respeito ao diferente, a reverência aos mais velhos, os preceitos religiosos, enfim, o sistema de valores.

A escola faz uso dessa matéria-prima para sedimentar hábitos e costumes. Ou simplesmente joga para debaixo do tapete, como se o conhecimento não tivesse sua referência primordial neste campo fisicamente mais próximo e, no entanto, psicologicamente mais distante: o conheci-

mento de si mesmo, como ensinou o oráculo de Delfos, e, por dedução, o dos outros, da natureza e de Deus.

A ioga é uma arte que ensina a pensar o que faz o pensamento pensar e a pensar o que pensa. A contemplação silencia a mente, burila os valores, sobrepõe o coração à razão,

A produção de sentido é um processo que se inicia na família. É dela que a criança recebe os primeiros "óculos" de leitura do mundo, de seu lugar nele, de sua relação com os demais. Ali, firmam-se, ou não, o preconceito, a discriminação, o respeito ao diferente, a reverência aos mais velhos, os preceitos religiosos, enfim, o sistema de valores.



Foto: Avelino S. de Godoy



cultiva a fé como virtude da inteligência. Assim como a arte faz a emoção preceder a razão. A produção de sentido é esse tecido invisível que, como uma corda, permite-nos fazer dela o varal de nossos conhecimentos. Alinhados, eles ganham um sentido, uma direção, e apontam um rumo — o da melhora coletiva e individual de nossa humanidade (o que é uma tautologia, porém necessária).

Produzir sentido é ensinar crianças e jovens a se interrogarem, manifestarem dúvidas, porem em xeque suas certezas, cultivarem a vida interior, abraçarem o itinerário que conduz às fontes e aos limites da existência. Porque só o sentido faz vencer adversidades, atenuando o sofrimento. Este é tanto maior, quanto menos incorporado ao sentido do nosso existir. Mas é inevitável, como percebeu Siddartha Gautama há vinte e sete séculos.

Se é assim, o sentido deveria ser objeto de obrigatória produção. Mesmo porque, como dizia o Che, só há razão para morrer pela causa que justifica o nosso viver. Talvez o vazio desse pragmatismo desprovido de sentido explique o nosso crescente medo de morrer. Até mesmo de envelhecer. Queremos, a todo custo, prolongar a juventude, através de inumeráveis recursos, que vão das dietas anoréxicas à cirurgia plástica. Como se tudo isso travasse o ritmo do tempo e nos oferecesse uma segunda chance. Pois não temos clareza do que fazer com a primeira, exceto atrelá-la a um jogo inútil de vaidades e ambições, que abrem um profundo fosso entre a nossa existência e a nossa essência.



Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Leonardo Boff, de "Mística e Espiritualidade" (Rocco), entre outros livros publicados.

O DEUS desarmado

(Continuação)

**O construtor da paz,
será aquele que, com coragem e lucidez,
identificará o conflito e suas raízes, e o assumirá
a partir de dentro, propondo-se trabalhar com o
melhor de suas energias para tornar possível
a restauração da vida feita pedaços
pela guerra e a barbárie.**

Foto: Avelino S. de Godoy

Maria Clara L. Bingemer

Olhando para o Deus que se revela nas páginas da Escritura, podemos perceber um Deus não violento, um Deus ao qual toda violência é estranha. Não existe nele ira, inveja ou vingança destrutiva. Deus é pura não-violência.

No entanto, esta imagem do Deus não violento não predominou sempre nas leituras e interpretações feitas do texto bíblico. Ao contrário, a imagem de um deus guerreiro ocupa um lugar central na arqueologia religiosa da humanidade. Aqueles a quem interessa a guerra não podem ter outro deus senão um deus guerreiro. Pois a quem podem suplicar a vitória a não ser ao Deus dos Exércitos?

Na verdade, se lermos com cuidado a Escritura, veremos que são sempre os seres humanos que requisitam Deus para fazer a guerra. Deus

jamais requisita suas criaturas com tal propósito. Devido a isto, a representação de Deus muitas vezes permaneceu cativa de um estereótipo religioso arcaico de um ser que recorre à violência para punir os infiéis e não hesita em guerrear contra os maus. É urgente romper com este estereótipo de um deus justiceiro e violento para que possamos conhecer o Deus que é amor e bondade, e cujo agir em relação aos

Hoje, mesmo depois do 11 de setembro de 2001, o Deus dos Exércitos ameaça sobrepor-se ao Deus da paz no bojo dos diversos movimentos fundamentalistas que o fazem combater contra si mesmo, no Iraque e em outras partes.

homens é pura gratuidade, compaixão e benevolência.

Jesus de Nazaré, com sua encarnação, vida, morte e ressurreição, desarmou Deus. Mais exatamente desarmou as imagens que o homem fabricou de Deus, imaginando-o à sua própria semelhança. Jogou por terra todos os deuses poderosos instalados em seus tronos. O Deus dos Exércitos, na verdade, é o Deus desarmado. O Deus todo poderoso faz brilhar seu poder na impotência do amor rejeitado e crucificado em Jesus Cristo. A projeção das frustrações humanas na onipotência divina pode bem se tornar e converter-se na projeção da própria vontade humana de poder.



Sendo Deus pura não-violência, não é possível dar testemunho dele senão tornando-se testemunha de sua não-violência. A antítese da fé, neste caso, não é a descrença, mas a violência e o desamor. Negar a Deus não é ignorar que ele existe, mas pretender que ele se acomoda à violência humana e a legitima ou dirige.

Assim, este Deus desarmado convida o ser humano a desarmar-se também. E somente este desarmamento daquele ou daquela que decide ser construtor da paz pode desarmar o

adversário. A bem-aventurança evangélica da paz refuta o argumento pagão segundo o qual a arma que meu adversário possui justifica que eu me arme também para resistir-lhe. Tal atitude só poderá ter como resultado a corrida armamentista que assistimos tomar conta do mundo, que pretende fundar a paz sobre o equilíbrio do terror, mas que no fundo não engendra outra coisa a não ser a guerra.

Opor a proposta da paz à agressão e à violência é o único caminho para quebrar a rivalidade fundada sobre a mimetização do inimigo e romper o círculo vicioso das vinganças sem fim. Porque esta lógica não é aceita. A história da humanidade tem se tornado sempre mais a história de suas guerras. O começo de mais um ano nos convida a desejar que ela passe a ser a história da paz construída com a justiça e o diálogo responsáveis.

Hoje, mesmo depois do 11 de setembro de 2001, o Deus dos Exércitos ameaça sobrepor-se ao Deus da paz no bojo dos diversos movimentos fundamentalistas que o fazem combater contra si mesmo, no Iraque e em outras partes.

O construtor da paz, portanto, será aquele que, com coragem e lucidez, identificará o conflito e suas raízes, e o assumirá a partir de dentro, propondo-se trabalhar com o melhor de suas energias para tornar possível a restauração da vida feita pedaços pela guerra e a barbárie. E isso com a consciência do risco que o espreita de ser salpicado pelos estilhaços das armas que a violência usa para conseguir seus intentos. Terá apenas como certeza que lhe dará força e coragem a presença de Deus que, desarmado, estará a seu lado, inspirando-o em sua bem-aventurada luta.

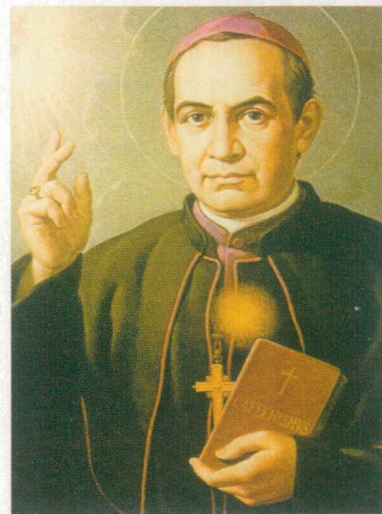


Maria Clara L. Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coord. do Centro Loyola de Fé e Cultura. (Página eletrônica: www.users.rdc.puc-rio.br/agape).

CLARETIANOS

MISSIONÁRIOS

Servidores da Palavra
ao estilo de Claret,
anunciando a Boa Nova
do Reino a todos os
povos e nações.



**Venha para
essa missão!**

ENTRE EM CONTATO
CONOSCO:

**SECRETARIA VOCACIONAL
Campinas, SP**

(19) 9604-2745 / 3242-2258
pemauro@mpc.com.br

Belo Horizonte, MG

(31) 3218-7676

curiabc@uai.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET

Pato Branco, PR (46) 224-4129
luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADES CLARETIANAS

Maceió, AL - (82) 326-8122
missaoclaret@ofm.com.br

Campinápolis, MT

(66) 437-1106 -

ciceroseverino@hotmail.com

Taguatinga, DF - (61) 351-1051

Casa da mãe adolescente

Pe. Zezinho, scj

Em algum lugar de nosso país, existe um casal de 52 anos que se pode proclamar realizado e feliz. Tem pelo menos 62 netos adotivos, quase todos filhos de mães solteiras e adolescentes. E tudo começou quando d. Maria tinha apenas 16 anos e viu sua irmã de 14 anos grávida e praticamente expulsa de casa sem que a mãe a defendesse do pai alcoólatra e sem que adulto algum a assumisse com seu indesejado bebê. Tomou coragem, saiu de casa e foi morar com a irmã num fundo de quintal até que ela tivesse a criança. “Minha irmã errou, mas não é uma cachorra. É gente!”, gritou.

A irmã morreu um mês após o parto e ela assumiu a criança. Um rapaz que viu tudo se encantou com seus valores e os dois casaram cinco anos depois. Dali por diante, a vida se encarregou de empurrar para eles 54 mães jovens e adolescentes que não tinham ambiente nem casa para gestar um filho em paz. Alguém sabia do problema e dizia: “Lá na cidade tal-e-tal, no bairro assim-assado tem uma casa que cuida de meninas como você. Por que você não vai lá? Eles levam jeito com esse tipo de problema!” Houve tempos em que tinha sete mães adolescentes ao mesmo tempo numa casa de apenas três quartos, um dos quais abrigava quatro filhos. Nenhuma abortou. Só uma deu o filho para criar. Todas as demais assumiram sua gravidez. Apenas três não voltaram às boas com os pais...

Excelente resultado para um casal que apenas terminou o colegial e

não possui nenhum diploma de psicólogo ou assistente social.

E como conseguiram?... Dona Maria insiste: “— Não aconselho ninguém a tentar um caminho desses se não tiver muito amor e muita paciência. São meninas puras, mas sofridas e machucadas. E, se for para fazer errado, é melhor nem começar. Felizmente meu marido é muito paterno e me ajudou demais. Eu sozinha não conseguiria”.

Por que conto esta história? Porque no Brasil as estatísticas sobre as mães adolescentes são sombrias. De cada 100 crianças, consta que 40 são filhos de mães adolescentes, isto é, suas mães não chegaram aos 18 anos. Duvida dos números? Eu também. Mas já li a informação em mais de doze revistas e jornais. E se ainda não for verdade e se constatar-se que apenas 10 são filhos de mães adolescentes, ainda assim o problema é grave, pois teríamos, calculando bem baixo, pelo menos 450 mil meninas grávidas por ano. Honra seja feita aos pais, a grande maioria delas é perdoada e acolhida. Mas sobram milhares que terão uma gravidez difícil sob constante agressão dos familiares. Mesmo quando casam. E se casam, casam apressadas e despreparadas para o casamento e a maternidade.

O problema existe e suas consequências são por toda a vida: delas e dos

seus bebês. Há que se pensar em mais lares onde meninas vítimas de desinformação ou desorientação sexual possam fugir à tentação do aborto e às agressões da família, ou da sociedade. As que existem são poucas e estão superlotadas. Todos andamos inquietos com o problema da AIDS que é grave. Mas conviria lembrar que há uma diferença enorme entre dois mil casos e mais de 50 mil meninas sem ninguém

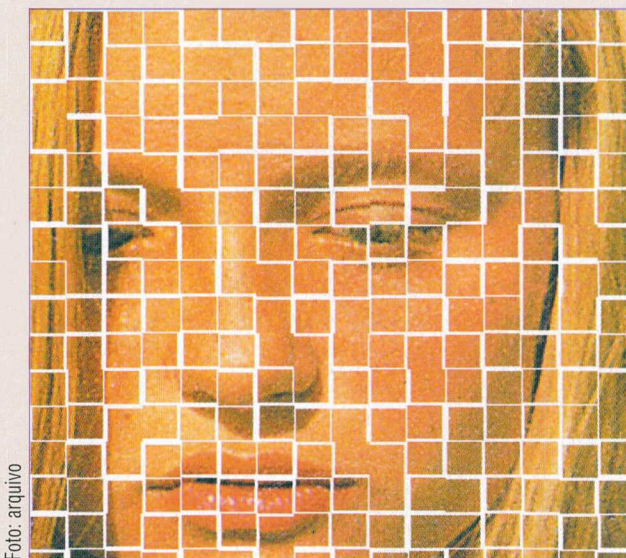



Foto: arquivo

para acompanhar sua gravidez. Por cinco, seis ou sete meses, não poderia o Estado ou não poderiam as religiões acolher estas mães despreparadas?

De tanto ouvi-las, aposto nelas. Aprendi que pelo menos nove entre cada 10 dessas meninas são puras. Querem o filho e estão dispostas a assumir sua gravidez. Às vezes, o que falta é uma casa e, dentro dela, dois adultos dispostos a ajudar... 

Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

Fé cristã coopera com

Na última semana de abril, de 21 a 30, realizou-se a 42ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, em Itaici, Indaiatuba, SP. A Assembléia inspirou-se no Projeto de Evangelização para os anos 2003/2007: "Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida" e teve como tema central "Vida e Ministério dos Presbíteros", vocação e serviço pastoral. Na ocasião alguns bispos e teólogos foram entrevistados pela revista Ave Maria. Nesta edição, apresentamos a entrevista com o pe. Oscar Bezzo, teólogo, escritor e especialista em História da Igreja no Brasil e na América Latina e diretor do Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular (Cesep). jbezzo@ax.apc.org Na edição anterior, foi entrevistado d. Angélico Sândalo Bernardino.

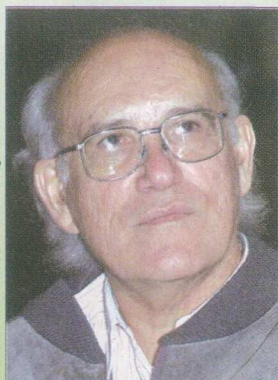


Foto: Rede Rua de Comunicação

Pe. Oscar Bezzo

Ave Maria – *Nestes últimos tempos, vê-se um certo descontentamento no povo. A expectativa de mais empregos não ocorre, a insegurança e o medo crescem... Em que a esperança cristã pode cooperar?*

Bezzo – O primeiro ponto é que o progresso social não se dá sem mobilização e pressão. Então, deve-se manter a pressão para que a prioridade seja a questão do emprego e não, o sistema financeiro; o trabalho no campo e não, apenas os bons resultados do agronegócio. É preciso manter a pressão para que as terras indígenas sejam respeitadas e não, os interesses das grandes empresas, como o caso de Roraima. Que não se ceda aos arroteiros, aos políticos de Roraima, às madeiras, mas que se garantam a integridade da terra, a demarcação e homologação de Raposa Serra do Sol, e que infelizmente parece que não vai acontecer.

AM – *Nesse sentido, como os bispos, o clero, os religiosos, os agentes de pastoral podem colaborar?*

Bezzo – A Igreja do Brasil encontrou dois momentos fortes: um, os documentos sobre a terra em 1980, dizendo que a Igreja devia prestar todo o apoio e ajudar para que os movimentos populares no campo se organizassem e que ela ajudasse essa organização, quer dizer, onde há organização há possibilidade de se avançar; e outro, foi o que ela fez durante a Constituinte posteriormente para conseguir a lei de combate à corrupção nas eleições. Acho que foram momentos que apontavam um objetivo claro. Também podemos apontar o Grito dos Excluídos, a Campanha da

Fraternidade, agora, sobre a água. São formas, ao mesmo tempo, de se criar consciência e ajudar os grupos, às vezes pequenos, que entrem em contato entre si, formem uma rede e aí haja massa crítica, para se poder, então, alcançar algum resultado transformador.

AM – *O sr. acredita que as mobilizações e pressões que a Igreja apóia, de certa maneira influenciam o Governo?*

Bezzo – Quando essa mobilização se dá em cima dessas questões amplas da sociedade em que há um consenso de que é necessário fazer alguma coisa, embora seja difícil — porque não é fácil achar os caminhos —, mas quando todo mundo puxa na mesma direção os caminhos começam a aparecer. Olhemos para o trabalho maravilhoso que faz a Pastoral da Criança. Questionava-se: do que as crianças morriam? Mortalidade Infantil era um escândalo. A Pastoral da Criança pôs a mão na massa. Foi trabalho de formiguinha, convocando as próprias pessoas da comunidade, não de cima para baixo.

Na minha própria paróquia, esse trabalho de ir de casa em casa como muda a realidade. Você está perto, acompanha dia a dia, conhece o rosto das pessoas, o nome das crianças. Então, como isso, foi possível fazer muitas outras coisas na sociedade e são bem-vindas.

Diante de uma causa que realmente é sentida por todos, é claro que há interesses contrários sobretudo em questões de financiamento, alocação de recursos públicos, briga-se para que o dinheiro vá para outras coisas. Mas a mobilização e a pressão popular são uma ajuda para o próprio Governo,

o progresso social?



Foto: Cláudio Gregianin

“O primeiro ponto é que progresso social não se dá sem mobilização e pressão” (Pe. Beozzo).

porque na hora de decidir é levado em conta o público e a pressão que ele faz.

AM – Como o sr. diz, há muito trabalho social e transformador, encabeçado e apoiado pela Igreja. Acha que tem suficiente visibilidade ou notoriedade?

Beozzo – A Igreja não detém os meios de comunicação. Hoje, numa sociedade moderna, as coisas não aparecem porque aconteceram de verdade, mas se estiverem na mídia. Ninguém se interessa por essas coisas populares. Não há empenho da mídia brasileira que a promova. Ela trabalha em favor dos grandes grupos... Não tem um compasso com as aspirações populares. As mobilizações para as “diretas já” são um exemplo. Faz 20 anos. Na época, a mídia entrou no fim porque não dava jeito de omitir-se e quando começaram a apedrejar as peruas da Rede Globo, pois não dizia o que estava

acontecendo. Então, há acontecimentos que a mídia não pode ignorar, mas ela não é parceira da mobilização popular. Longe disso, ela demoniza, por exemplo, sistematicamente o MST, a questão indígena...

AM – Na sua área de formação, para a fé cristã com a teologia para o nosso tempo, o sr. vê avanços nos novos alunos, interesse diante dos acontecimentos sociais e políticos atuais?

Beozzo – Eu dirijo um centro de formação latino-americano que é fundamentalmente para leigos. Posso dizer que a busca de conhecimento é feita com muito empenho. Meus colegas que dão aulas no Seminário, às vezes, parecem não encontrar o mesmo entusiasmo. Então, pergunta-se: o que está acontecendo? Lá, enquanto parece haver apatia, aqui, as lideranças populares, os leigos, com empenho muito grande, avançam na sua formação, na compreensão dos



Foto: Avelino S. de Godoy

processos, na incidência da mensagem bíblica e teológica do seu dia-a-dia, e também para as grandes questões sociais e políticas.

AM – O sr. faria uma distinção, entre evangelização popular e evangelização de massa?

Beozzo – Quando dizemos “evangelização popular”, é sobretudo nos grupos organizados no meio do povo, que são o fermento que o articula. Sempre que se fala: “massa”, fala-se daquilo que não tem “vertebração”. Então, faço uma grande distinção. Aposto na evangelização popular. Evangelização de massa não pode ser entendida como ação de “fermento na massa”. Na evangelização de massa” parece-me destacar-se algo sempre indiferenciado, pouco personalizado, mais como massa conduzida, mais manipulada.

AM – O pensamento da CNBB é de reforço na formação mais para o clero, os religiosos, os agentes de pastoral ou para as comunidades?

Beozzo – Acho que são as duas coisas. Uma, é você ser força de evangelização na formação de comunidades. Esse é um campo. A outra, é que as comunidades precisam da formação dos que as lideram, não necessariamente o agente externo, mas sim os dirigentes desses movimentos pastorais.

As comunidades merecem toda a atenção, e, claro, um carinho especial para quem dedica tempo integral. Eu chamaria de agente de pastoral, a religiosa, o leigo e o sacerdote, mas eu penso que o investimento forte tem que ser na comunidade.



Entrevista concedida ao Pe. Cláudio Gregianin, diretor da revista Ave Maria.

Fantasia das drogas

Manoel Dias de Oliveira

Na revista de abril de 2004, p.14, a Pastoral da Sobriedade apresentou os 12 passos a serem seguidos por quem se propõe permanecer sóbrio de bebidas ou drogas. Nesta edição, o autor detalha o primeiro passo.

1º - "Senhor, admito minha dependência dos vícios e pecados e que sozinho não posso vencer. Liberta-me!"



Cada passo da Pastoral da Sobriedade tem uma ou mais passagens bíblicas que fundamentam a ação da Igreja nesta atividade da "Prevenção e Recuperação da Dependência Química" que tanto traz problemas para pessoas viciadas e seus familiares. A referência bíblica para o Primeiro Passo é Romanos 7,15-20 — *Não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que aborreço... Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita.*

Quem é dependente, viciado no álcool ou nas drogas não enxerga outra realidade a não ser a própria satisfação pessoal, mesmo percebendo que está causando prejuízo a si mesmo, à sua família e à sociedade.

O desejo de quem está no mundo

do álcool ou das drogas é continuar "bebendo ou usando" sem ter problemas pessoais nem com outras pessoas. Mas chega um momento, o auge do problema, em que isto se torna impossível. Um grande passo para a pessoa problemática é admitir que tem problemas. Porque, se aceitasse, ficaria mais fácil receber ajuda e começar um processo de recuperação.

"Quando admitimos que somos fracos, marginalizados e que estamos perdendo os vínculos sociais e familiares, começa em nós a conversão. "admitir honestamente a dependência; admitir, humildemente, a nossa limitação humana é o primeiro passo para a libertação. O caminho é difícil mas não impossível. É preciso garra e determinação. Se queremos vencer, temos de insistir. Não podemos desistir".

Pastoral da Sobriedade é, "ação da Igreja na prevenção e recuperação da dependência química"



Testemunho

— Sou Marta Alexandrino, trabalho como secretária do pe. Manoel

Dias, há 11 anos, por experiência própria dou as seguintes sugestões:

1 – Saber o que existe em nossa paróquia, trabalhos de grupos como, por exemplo: Pastoral da Sobriedade, Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, AL-ANON, etc. e estar apar dos dias e os horários dessas reuniões de apoio.

2 – Saber o que existe em nosso território paroquial, sobre grupos de apoio e outros trabalhos na área de prevenção e recuperação e também sobre grupos não ligados à Igreja Católica.

3 – Ter à mão os telefones úteis que estão disponíveis para cooperar na "Linha de ajuda" da Pastoral da Sobriedade, outras entidades e irmandades que estão nesta atividade libertadora.

4 – Buscar conhecimento sobre o assunto da Dependência Química. Por meio de livros, artigos de jornais e revistas sobre Alcoolismo e outras drogas, que tenham fundamentação científica e, de vez em quando, frequentar palestras sobre problemas de álcool e drogas.

5 – Mesmo que não tenhamos convicção de que "Alcoolismo é uma doença progressiva, incurável e fatal", devemos dizer para a pessoa que nos procurar que escutamos falar ou lemos em algum lugar que a dependência da bebida é uma doença e existe tratamento e solução para o problema. E sempre com paciência. Orientar a pessoa sobre como deve prosseguir, a partir daquele momento de abertura conosco.

Telefones úteis para auxiliar alguém com problemas de alcoolismo:

• Pe. Manoel Dias: (11) 3331-5195 e 3667-4007. • Central de Alcoólicos Anônimos, São Paulo: (11) 3315-9333. • Sede Nacional da Pastoral da Sobriedade, Curitiba, Paraná: (41) 339-1113.

A palavra é...

Elaborado por Luís Erlin.

Esta seção é para os leitores fonte de catequese. Em cada número, vai-se refletir e conhecer melhor o significado de palavras usadas no dia-a-dia e cujo sentido nem sempre se sabe. Se o leitor desejar saber o sentido de alguma palavra usada no meio religioso, escreva-nos e publicaremos com as explicações.

BATISMO

O sacramento denominado batismo, com base no rito central pelo qual é realizado: batizar (“baptizein” em Grego), significa “mergulhar”, “imersão”; o “mergulho” na água simboliza o sepultamento do catecúmeno (aquele que é batizado) na morte de Cristo, da qual com ele ressuscita, como “nova criatura” (2Cor 5,17; Gl 6,15) – *Catecismo da Igreja Católica, 1214.*

O batismo é instituído por Cristo: *Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizando-as em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo* (Mt 28,19).

Antigamente, quando alguém era batizado, de fato mergulhava-se na pia batismal que costumava ser uma piscina, situada na entrada da igreja. Imersão na água, a pessoa “morria” com Cristo e, ao sair, buscando respirar (viver) ganhava nova vida pela ressurreição do

Senhor. Hoje, por uma questão pastoral, somente se joga água na cabeça dos batizados. O rito ficou simbolicamente empobrecido, porém, em nada perdeu de sua eficácia.

Transcrevo um bonito texto de S. Gregório Nazianzo sobre este sacramento: “O batismo é o mais belo e o mais magnífico dom de Deus. (...) Chamamo-lo de dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo, e tudo o que existe de mais precioso. Dom, porque é conferido àqueles que nada trazem; graça, porque é dado até a culpados; batismo, porque o pecado é sepultado na água; unção, porque é sagrado e régio (tais são os que são ungidos); iluminação, porque é luz resplandecente; veste, porque cobre a nossa vergonha; banho, porque lava; selo, nos guarda e é sinal do senhorio de Deus”.

CRISMA

Do grego *krisma*, unção. Essa unção é feita com azeite de oliva perfumado com bálsamo, símbolo da força e da doçura ao mesmo tempo. Seu cheiro suave simboliza a influência agradável e fortificante de Deus na vida dos fiéis e, ainda, torna o receptor testemunha dessa influência.

Bem cedo, para melhor significar o dom do Espírito Santo, acrescentou-se à imposição das mãos, uma unção com óleo perfumado (crisma). Esta unção ilustra o nome de “cristão”, que significa “ungido” e que deriva a sua origem do próprio nome de Cristo, ele que *Deus ungiu com o Espírito Santo* (At 10,38). E este rito de unção existe até os nossos dias, tanto no Oriente como no Ocidente. Por isso, no Oriente, este sacramento é chamado crismação, unção com

crisma, ou *myron*, que significa “crisma”. No Ocidente, o termo: “confirmação” sugere, ao mesmo tempo, a ratificação do batismo, que completa a iniciação cristã, e a consolidação da graça batismal, todos frutos do Espírito Santo (*Catecismo da Igreja Católica, 1289*).

Quando falamos, hoje, do sacramento da crisma, logo pensamos em desafio. Trabalhar com adolescentes, que se preparam para receber esse sacramento, não é fácil. A crisma simboliza a maturidade cristã. O ungido deveria desejar tornar-se um novo Cristo. A beleza desse sacramento se dilui quando os pais obrigam os filhos a se crismarem, quando os crismandos acreditam que este sacramento é apenas mais uma etapa a ser cumprida. Talvez por falta de sentimento, muitos se afastam da Igreja, após serem ungidos... séria contradição.

As religiões em torno de Deus

José María Vigil

(Continuação)

O texto, abaixo, é uma parte do estudo praticado pelo teólogo presbiteriano inglês, John Hick, um dos autores do conceito pluralista. Não se trata de doutrina oficial da Igreja Católica, mas serve para os leitores entenderem as conclusões a que essa pesquisa pode levar.

Analizamos, na edição anterior, como o inclusivismo (a doutrina de que a salvação nas outras religiões está incluída no cristianismo) repete o antigo exclusivismo (fora da Igreja Católica não há salvação). Nesta edição, começamos a estudar o pluralismo. Uma pessoa pode reconhecer a pluralidade religiosa — o fato de as religiões serem muitas — mas não aceitar o pluralismo como posição teológica — porque é partidário do inclusivismo e pensa que uma só religião é a verdadeira.

Um pouco de história

A posição pluralista está muito ligada ao teólogo John Harwood Hick, nascido em 1922, em Yorkshire, Inglaterra e que morou vários anos nos Estados Unidos da América.

Em seu itinerário teológico-biográfico,¹ refere-se ao “interminável tédio” que sentia no seio do cristianismo institucional da Inglaterra. Uma conversão espiritual tornou-o um fer-



Foto: Celestino Cavagna, Pime

voroso cristão evangélico e fundamentalista: Jesus passou a ser para ele seu ‘amado Senhor e Salvador, o Filho de Deus encarnado, o salvador único da Humanidade’. Fez-se ministro da Igreja Presbiteriana da Inglaterra.

Contudo, quando continuou os estudos de filosofia e teologia não pôde deixar de sentir persistentes interrogações que assediavam suas claras convicções evangélicas. Um ponto que o afligia, especialmente, era a diversidade das revelações.

O fato e o desafio do pluralismo religioso, como Hick o experimentou nas numerosas comunidades muçulmanas, siques, hindus e judias de que estava cercado em Birmingham, Inglaterra, levaram-no a uma nova conversão, na qual manteve seu com-

promisso pessoal com Jesus Cristo, mas a partir de uma teologia inteiramente remodelada.² Ele experimentou, religiosamente uma espécie de “revolução copérnica” e foi o que passou a propor, no campo teológico.

Em 1973,³ tendo sido talvez este um ato pioneiro que daria origem à corrente pluralista, como hoje a conhecemos —, Hick proclamou a necessidade de se aceitar uma “revolução copérnica” e traçar “um novo mapa” do universo teológico. Desde então, — faz agora 30 anos — sua proposta permanece viva e continua sendo acolhida nas universidades, nas Igrejas e junto aos estudiosos. A gráfica imagem do “mapa e da revolução copérnica” seguem como exemplo característico.

Hoje, todos sabemos que a Terra e os demais planetas giram em torno do Sol. Mas, até o século XVI, persistia a visão, defendida por Ptolomeu (90 d.C), de que a Terra estava no centro do Universo, e que todos os demais corpos celestes — o Sol inclusive — giravam em torno dela. Era a teoria do *geocentrismo*.

Novo mapa

Copérnico foi quem, a partir de suas observações astronômicas, em 1540, estabeleceu e propôs a necessidade de se fazer um novo mapa, não *geocêntrico*, mas *heliocêntrico*, ou seja, com o Sol no centro, e os demais corpos celestes girando em torno dele.

Essa verdadeira revolução no campo da Astronomia exigia uma mudança total de concepção do mundo, tão

profunda que não pôde ser aceita nem pela sociedade científica da época, nem pela Igreja (que a achava contrária à Bíblia).

Hick considera que o *exclusivismo* é, teologicamente falando, uma concepção ptolomaica, “geocêntrica”, em que a Igreja, ou o cristianismo, fica num centro e todas as religiões girando em volta. E proclama que é necessário adequar nosso pensamento teológico à realidade, como se fosse uma “revolução copérnica” que trace um novo mapa, em cujo centro esteja Deus, não o cristianismo, que estará, junto com as demais religiões, girando em torno de Deus. Trata-se, pois, de passar do *eclesiocentrismo* (a Igreja no centro) para o *teocentrismo* (Deus no centro).

Quando Copérnico delineou o novo modelo, depois de observar as anomalias nas trajetórias dos planetas que supostamente giravam ao redor da Terra, os defensores do geocentrismo se esforçaram por descobrir fórmulas de conciliação que explicassem parcialmente aquelas anomalias; “epíclis” eram chamadas aquelas tentativas, que sempre resultavam parciais e nunca davam uma explicação completa àquelas irregularidades planetárias.

Hick disse que, em teologia das religiões, as teorias da pertença à Igreja pelo batismo de desejo implícito, a ignorância invencível, a presença da salvação cristã em outras religiões, etc. são “epíclis teológicas” com os quais queremos conciliar as anomalias que os esquemas exclusivista e inclusivista apresentam e que são insolúveis dentro de seu próprio esquema. O que é preciso — afirma ele — é criar um “novo mapa”, em que reconheçamos a realidade do heliocentrismo teológico, que é o teocentrismo. No centro, não está a Igreja ou o cristianismo, nem sequer está Cristo, mas somente Deus. A Igreja, Cristo e as demais religiões giram ao redor de

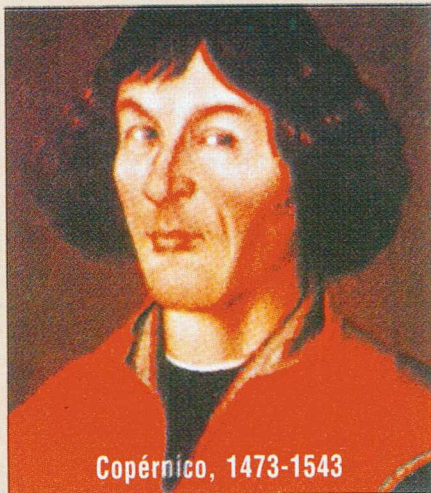
Deus. Hick disse: “devemos deixar de seguir tentando conciliações parciais e inviáveis com esses “epíclis teológicos” que não são mais que uma ponte que nos está encaminhando para o teocentrismo”. “O que falta — continua — é atravessarmos, de uma vez, a “ponte” e reconhecermos que o universo das fés está organizado e disposto de forma diferente da que reflete o velho mapa, feito quando não se conheciam os demais planetas, as outras religiões, na forma em que hoje as conhecemos.

Desafio histórico

A “revolução copérnica”, traçada por Hick, é realmente uma tarefa bem maior. Talvez seja o maior desafio teológico da história, porque supõe uma nova exposição qualitativa e total: será necessário pôr abaixo todo o edifício para reconstruí-lo a partir de outro modelo.

Como facilmente se depreende, a mudança fundamental, a ruptura está na mudança de centro: do geocentris-

Copérnico delineou o novo modelo, depois de observar as anomalias nas trajetórias dos planetas que supostamente giravam ao redor da Terra, o heliocentrismo.



Copérnico, 1473-1543

mo ao heliocentrismo, do eclesiocentrismo ou do cristocentrismo ao teocentrismo. Que a Igreja não esteja no centro (visão, como sabemos, própria do exclusivismo) não é grande problema, hoje em dia, quando já faz 50 anos que o exclusivismo foi majoritariamente abandonado pelos cristãos. Mas que Cristo “não esteja no centro”, como pareceria estar propondo Hick, é, sem dúvida, o ponto mais difícil da posição pluralista.

O caráter absoluto do cristianismo e a unicidade de Cristo como Salvador é o que está em jogo e é o que — para muitos — não salva adequadamente o pluralismo, pelo que é considerado por seus críticos como “não cristão”, fora da tual ortodoxia cristã.⁴ Hick tem levado 30 anos elaborando e dialogando sobre o tema. Seu livro de 1977, *The Myth of God Incarnate* suscitou um tremendo impacto na sociedade inglesa e foi o início de um diálogo teológico, desde então, não interrompido. Em 1993, publicou uma nova versão de sua posição, mais madura e elaborada.⁵ Entraremos no tema, detalhadamente, na unidade didática correspondente aos aspectos da cristologia e do dogma.

1) *A Spiritual Journey, in God Has Many Names*, Westminster Press, Philadelphia, 1980, pp. 13-28.

2) Dessa mesma forma, apresenta-nos também KNITTER a biografia de HICK, em *No Other Name?*, p. 146.

3) HICK. *God and the Universe of Faiths. Essays in the Philosophy of Religion*, Londres, Macmillan, 1973, p. 131

4) DHAVAMONY, M. *Teología de las religiones*, San Pablo, Madrid, 1998, p. 203; DUPUIS, J. *Jesucristo al encuentro de las religiones*, Paulinas, Madrid, 1991, p. 152; BOFF, Clodovis. *Retorno a la arché de la teología*, “Alternativas” 18/19 (enero-julio 2001) 122, Manágua.

5) Existe tradução portuguesa: *A Metáfora do Deus Encarnado*, Vozes, Petrópolis, 2000. Dois capítulos deste livro foram publicados, em Castelhana e em Português, na RELAT, Revista Eletrônica Latino-americana de Teologia de los Servicios Koinonia: <http://servicioskoinonia.org/relat/305.htm>

José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da Agenda Latino Americana. <http://servicioskoinonia.org/agenda>

Complexidade e holística: um primeiro olhar

Izabel Petraglia

Por tudo o que vemos, ouvimos e aprendemos nos últimos tempos, podemos afirmar que neste milênio o que se impõe é a necessidade de mudança – mudança de visão de mundo, de perspectiva diante dos novos desafios que se instalam nas civilizações e em todas as áreas do saber. A técnica e os novos equipamentos de “quase tudo” se colocam ao humano com o objetivo expresso e contundente de avançar, cada vez mais, na direção de um progresso que se tem revelado incapaz de se sustentar. A ciência trouxe muitos benefícios, resolvendo enigmas e mistérios da condição humana, ampliando a vida e dissipando a dor. Os avanços da tecnologia e da industrialização permitiram a satisfação de necessidades sociais, de conforto, como também ampliaram os estudos sobre o universo, a partir da órbita terrestre.



Hoje, no entanto, todos estão perplexos diante dos rumos tomados, cujas consequências não foram avaliadas pelos indivíduos, tampouco pelos grupos, que perderam a noção de equilíbrio. A corrida pelo progresso despertou a concorrência e a competição entre os indivíduos; gerou egoísmo, individualismo, solidão, desespero e novas dores. Somos vítimas de várias carências e, como seres sociais e sócios de uma coletividade, dividimos com ela os lucros e os prejuízos. A fragmentação do conhecimento e a especialização deixaram marcas e cicatrizes nos corpos e nas almas dos que ansiavam por esse tipo de avanço, mas acreditamos que o ser humano não desejava ser vítima de si mesmo.

Procura de soluções

A sociedade, atônita, procura alternativas para a superação da violência que a assola, busca valores e

princípios éticos que lhe apontem novos caminhos. Almejamos por solidariedade e respeito às diferenças, desejo que exige hoje novas perspectivas da ciência, da filosofia, das artes e da espiritualidade.

A ciência busca com ardor compreender o mundo através do traçado de paradigmas novos e que se reformulam, em detrimento dos paradigmas antigos e de estruturas fragmentadas e estáticas, bem como de pensamentos mecanicistas, lineares e reducionistas, que a cada dia são superados.

A filosofia, por sua vez, procura redefinir princípios norteadores do bem comum, através da reflexão de seus próprios valores e do estabelecimento de uma nova ética e de uma práxis mais solidária e justa.

As artes, em sua expressão de maior sensibilidade, têm procurado pintar, desenhar, dançar, escrever, dramatizar os problemas e atrocidades deste início do novo milênio, como denúncia do vivido e proposição do ainda não visto. Essa expressão se manifesta ora na rebeldia pós-

A corrida pelo progresso despertou a concorrência e a competição entre os indivíduos; gerou egoísmo, individualismo, solidão, desespero e novas dores. Somos vítimas de várias carências e, como seres sociais e sócios de uma coletividade, dividimos com ela os lucros e os prejuízos.

moderna, ora na recuperação do deformismo mecanicista do positivismo, ora nos sentimentos nihilistas.

A espiritualidade tem sido busca constante e intensa da humanidade, que, aterrorizada pelo medo da morte e pela crescente violência que a ameaça, procura construir sua identidade individual e coletiva através das crenças e do redimensionamento da unidade corpo-alma. As pessoas procuram conhecer a vida, questionar a morte e atingir a eternidade.

Respostas e saídas

Nesse contexto, pensamos a educação e aqueles que a fazem num movimento conjunto, em busca de respostas e saídas para os problemas, no sentido de valorizar a vida em todas as suas dimensões. Questionamos o conhecimento a partir de duas grandes concepções que se delineiam nas diversas áreas do saber: complexidade e *holística* (busca de um entendimento integral dos fenômenos - Nota da redação).

Tais concepções apresentam aspectos interdependentes e dinâmicos. São interdependentes se considerarmos o pensamento complexo e a tese de que “tudo se liga a tudo” e procurarmos entender os problemas e as soluções que incorporem as múltiplas e diversas perspectivas – ou seja, não há uma só resposta para cada pergunta, tampouco uma solução que venha revestida de uma única causa ou origem, desvinculada do contexto que a cerca. Em ambas, está presente a noção da solidariedade, fulcro da interdependência.

Sob a ótica da complexidade, entendemos que as duas concepções apresentam dinamismo na ação – seus aspectos são ágeis e apresentam mobilidade para o trânsito e movimento –, já que compartilhamos da idéia da indeterminabilidade da ciência, que, em constante processo de mutação,

constrói sua identidade. Como todo processo, esse também incorpora movimento e transformações de todos os envolvidos, quer sejam sujeitos, quer sejam objetos.

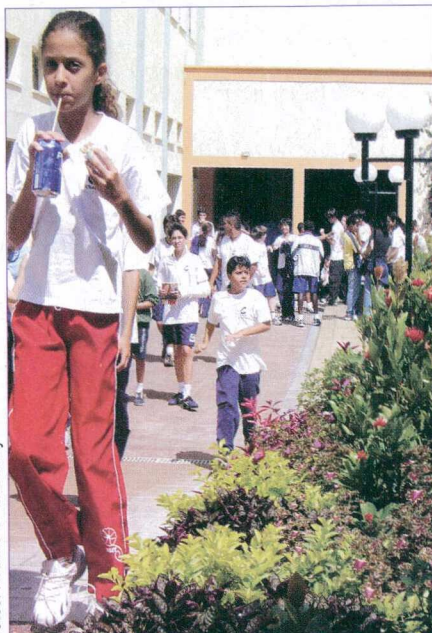
Segundo Platão, a reflexão filosófica é o ato de *admirar-se*. Assim, em nossa trajetória, causavam-nos curiosidade e admiração questões ligadas à complexidade, especialmente as que nos eram apresentadas por alunos e mesmo companheiros de trabalho, acerca de confusões, convergências e divergências entre as duas concepções.

Será complexidade o mesmo que holística?

Há semelhanças e diferenças entre as duas concepções?

O pensador francês Edgar Morin propõe uma epistemologia (*reflexão*)

Para a holística o todo é tão-somente “mais que a soma das partes”; enquanto que a complexidade entende o todo como “mais e menos, simultaneamente, que a soma das partes”.



Fotos: Avelino S. de Godoy

da complexidade contrapondo-se ao pensamento simplificador, incapaz de exprimir a unidade e a diversidade presentes no todo. Suas idéias estão expostas em mais de sessenta trabalhos publicados, com destaque para os cinco volumes de *O Método*, em que relata suas inquietações a respeito da ciência e da filosofia, ressaltando o valor da biologia, antropologia, física, sociologia, sempre presentes em toda sua obra.

Morin (1991) afirma que para a holística o todo é tão-somente “mais que a soma das partes”, enquanto que a complexidade entende o todo como “mais e menos, simultaneamente, que a soma das partes”. Exemplifica lembrando que uma tapeçaria é tecida com fios coloridos de linho, de seda, de lã. A soma dos conhecimentos sobre esses fios não só é insuficiente para conhecer a nova realidade, que é o tecido, como também não nos auxilia a conhecer a sua forma e configuração. Distingue em seguida...

As três etapas da complexidade

Primeira etapa da complexidade: temos conhecimentos simples que não ajudam a conhecer as propriedades do conjunto. Uma constatação banal que tem conseqüências não banais: a tapeçaria é mais que a soma dos fios que a constituem. *Um todo é mais do que a soma das partes que o constituem.*

Segunda etapa da complexidade: o fato de que existe uma tapeçaria faz com que as qualidades deste ou daquele tipo de fio não possam todas exprimir-se plenamente. Estão inibidas ou virtualizadas. *O todo é então menor que a soma das partes.*

Terceira etapa: isto apresenta dificuldades para o nosso entendimento e para a nossa estrutura mental. O todo é simultaneamente mais e me-

nos que a soma das partes (p. 104).

Julga, portanto, reducionista a concepção holística, uma vez que ela coloca em evidência o todo, rejeitando as partes. O holismo ignora o circuito relacional que é a interligação das propriedades das partes com as propriedades do todo e vice-versa. O todo não deve anular as partes, nem essas o todo.

Afirma Morin (1977): A concepção que aqui surge situa-nos imediatamente para lá do reducionismo e do "holismo", apelando para um princípio de inteligibilidade que integra a parte de verdade incluída num e noutra: não deve haver aniquilamento do todo pelas partes nem das partes pelo todo. Importa, portanto, esclarecer as relações entre as partes e o todo, onde cada termo remete para o outro: "Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem

conhecer as partes em particular", dizia Pascal. No século XX, as idéias reducionistas e "holistas" ainda não se elevam até ao nível duma formulação desta ordem (p. 120-121).

Conclusão

Desse modo, entendemos que a complexidade e a holística não se confundem numa mesma epistemologia. Embora partam da mesma perspectiva de totalidade, distanciam-se, tomando caminhos diferentes.

Se em nossa leitura transparece a cumplicidade com "os olhos que olham a complexidade", é porque entendemos que beleza e alegria são relativas e indeterminadas, ou seja, variam de pessoa para pessoa, considerando as expectativas individuais, a concepção que cada sujeito tem da vida. Assim, nossa subjetividade en-

contra beleza naquilo que compartilha com as noções de complexidade.

Bibliografia

MORIN, Edgar. *O método I – A natureza da natureza*. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1977.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

*Este texto foi adaptado e publicado, anteriormente, na Introdução do livro "Olhar sobre o olhar que olha": Complexidade, Holística e Educação – Ed. Vozes – 2001.

Izabel Petraglia é psicóloga e pedagoga; mestre em Educação (PUC/SP); doutora em Educação (USP) e pós-doutorada em Ciências Sociais (EHESS – Paris). É professora de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Pesquisadora da Complexidade e Transdisciplinaridade, é co-fundadora e coordenadora do NIIC – Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade, sediado no Centro Universitário Nove de Julho em São Paulo, onde é professora do Mestrado em Educação. É autora de vários livros. (izabelp@spo.matrix.com.br)

IRMÃS CATEQUISTAS DO SAGRADO CORAÇÃO

Uma vida para a catequese

Fundada pela Beata Júlia Salzano

Na sua vida anunciou a todos, sem reserva o teu amor e testemunhou uma paixão ardente ao teu sagrado coração.

Informações: Irmãs Catequistas do S. Coração
Av. Nossa Senhora da Assunção, 156 (Morro São Bento)
Santos, SP - CEP 11082-200 — Telefax: (13) 3233-8574
catequistassagradoacoracao@diocesedesantos.com.br

MISSIONÁRIAS DE CRISTO

Servi ao Senhor com alegria

Assistência integral as famílias e promoção às crianças carentes em regime de semi-internato. Atua em várias partes do Brasil.

Informações: Secretariado Vocacional
R. Doracy de Ludres, 54 (Centro) Louveira, SP CEP
13 290-000 — Tel. (19) 3878-1074 —
secvoc@fox.com.br

Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena

JOVEM

Embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

VENHA NOS VISITAR
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO

"Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de Deus".
(Madre Fundadora)



São Paulo, SP — Casa Provincial
R. Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso) CEP 04001-081
São Paulo, SP - Tel. (11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP — Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Limeira, SP - Tel. (19) 441-6916

Londrina, PR — R. Caetano Munhoz da Rocha, 258 (Pq. Bom Retiro) Londrina, PR
CEP 86 025-660 - Tel. (0_43) 329-1326

Petrolina, PE — Rua Joaquim Nabuco, 541
Petrolina, PE CEP 56 300-000 - Tel. (0_81) 861-0327

CONHEÇA NOSSO TRABALHO PELA INTERNET:

www.dominicanas.com.br

Positividade na construção da PAZ

Francisco Gomes de Matos

Em março, recebi o precioso volume: *Positive Approaches to Peacebuilding. A Resource for Innovators (Enfoques Positivos para a Construção da Paz. Uma Fonte para Inovadores)*, organizado por Cynthia Sampson, Mohammed AbuNimer, Claudia Liebler e Diana Whitney, edição deste ano, da Pact Publications, Washington, D.C. www.pactpublications.org de 431 páginas. Colaboram 33 autores, de vários países, dentre os quais África do Sul, Bélgica, Bolívia, Bósnia, Índia, Inglaterra e Estados Unidos. Fruto de um encontro pioneiro, realizado em 28 e 29 de setembro de 2001, na American University, sob o co-patrocínio de 19 organizações (dentre as quais 4 de natureza religiosa). O livro se propõe a oferecer uma síntese de alguns enfoques positivos usados na construção da paz, isto é, conjuntos de conceitos, teorias e atividades que podem contribuir para provocar mudanças em relações interpessoais, organizações, comunidades e outros tipos de sistemas humanos.

Ao apresentar o livro, Sampson explicita características da positividade no trato de mudanças sociais, das quais este articulista destacaria: a potencialidade positiva do ser humano, a importância de construir-se significados em parceria com outras pessoas, primazia aos recursos locais para mudanças (pontos fortes, capacidades, práticas e experiências), atenção ao que inspira e dá esperança, exemplificação positiva, motivação e mobilização para ações.

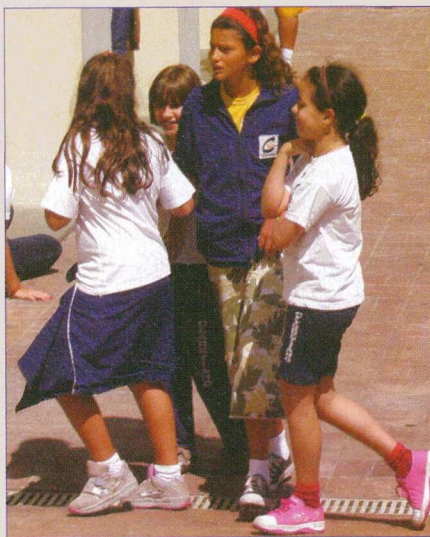


Foto: Avelino S. de Godoy

Para ter-se uma idéia da abrangência temática e conceitual, transcrevo os títulos das partes (tradução minha):

- Origens e encontros, •Rumo a culturas da paz, •Transformação social, •Resolução de conflitos, •Cura e reconciliação, •Planejamento de organizações promotoras da paz.

Para elevar a informatividade deste artigo, traduzo também os títulos de alguns capítulos: •Rumo à teoria

e prática de enfoques positivos à construção da paz, •A inquirição apreciativa (do apreço, da gratidão) nas organizações e no desenvolvimento internacional, •Uma cultura da paz para hoje e amanhã, •Criação de uma cultura da paz no pós-guerra em El Salvador, •Coexistência criativa na Espanha muçulmana como um modelo para uma paz positiva, •Palavras que criam mundos (uma visão do construir a paz, através da Cáritas).

Aos leitores desta revista, poderá interessar a formulação dos princípios norteadores da *Catholic Relief Services*, aqui apenas enumerados:

- Dignidade e igualdade da pessoa humana, •Direitos e responsabilidades, Natureza social, •O bem comum, solidariedade, •Opção preferencial pelos pobres e •Gestão justa equitativa de todos os nossos recursos.

Vale também destacar, neste inspirado e inspirador livro interdisciplinar, a inclusão, antes de cada capítulo, de uma epígrafe que convida para uma reflexão antecipada sobre a problemática a ser discutida no texto. Dentre os pensamentos citados, seleciono os de autoria de Adolfo Pérez Esquivel, Aristóteles, Einstein, Saint-Exupéry, São Mateus, Mary Baker Eddy, Carl Jung, Naguib Nahfouz e dos *Provérbios*.

Dado meu trabalho na área da Pedagogia da Positividade (cf. livro com esse título, publicado pela Editora da UFPE /Recife, 1996), constituiu agradável surpresa, no capítulo sobre Transcendência – Descobrendo recursos para a cura e a recuperação pós-traumáticas, — tomar conhecimento >>>>

Senhora de Fátima

Roque Vicente Beraldi

Em Vila Nova de Ourém, distrito de Santarém, na terra de Camões, é que se localiza Fátima. Na época, contava com mais ou menos dois mil e quinhentos habitantes. Três pequenos pastores, Lúcia com 10 anos, seus primos Francisco com 8 e a irmãzinha deste, Jacinta, com 7, eram de famílias moradoras em Ajustrel, lugarejo da freguesia de Fátima. Saíam, com frequência, para pastorear, conduzindo rebanhos, ora para um, ora para outro lado. O terreno, de propriedade dos pais de Lúcia, servia de pastagem para as ovelhas. Encontravam-se também, nesse lugar, algumas árvores, entre elas a azinheiras que os botânicos classificam ser do gênero dos carvalhos e das cupulíferas. Havia ainda carrasqueiras, que são arbustos de caule duro e ramos esguios. No Brasil nordestino, comparam-se à vegetação rara e mais áspera do que a caatinga.

Em 13 de maio de 1917, levaram as ovelhas para um lugar chamado Cova da Iria, distante uns 3 quilômetros de Fátima. De repente, encontram uma senhora. As crianças mesmas descreveram a visão: "Sobre a copa verdejante de uma carrasqueirinha, eis que nos aparece uma linda donzela de uns 18 anos, mais resplandecente que o sol, e



de uma beleza divina! Trajava um vestido branco como a neve, que descia até aos pés, preso só ao pescoço por um cordão dourado. Ela pousava sobre uma nuvem, mal roçando as copas verdes da carrasqueira.

Cobria-lhe a cabeça um manto também branco e circundado de ouro, quase do mesmo comprimento do vestido. Tinha as mãos erguidas à altura do coração, na postura de quem reza, e da mão direita pendia-lhe um lindo rosário de contas brancas e brilhantes, que rematavam por uma cruz de prata. O rosto, de traços puríssimos e delicados,

estava cercado de uma auréola de brilho indescritível, apresentava-se com leve sombra de tristeza".

As histórias de Fátima são maravilhosas, e relatá-las todas aqui é impossível. O leitor poderá completar seus conhecimentos sobre esta aparição em livros especiais encontrados em livrarias.

Maria é nossa mãe e cumpre seu encargo recebido de Jesus crucificado: *Eis aí teu filho*. São João representava toda a humanidade. Quando o calor da piedade se esfria, ela chama a atenção de maneira tão maravilhosa!

Oração

Virgem santíssima, que em Fátima dignastes estampar aos três pastorinhos a grande riqueza de graças que se podem alcançar com a recitação do rosário, ajudai-nos a valorizar sempre mais esta oração bíblica, a fim de que com a meditação das passagens da vida morte e ressurreição de Cristo, alcancemos mais facilmente a glória celeste. Assim, seja.

Pe. Roque V. Beraldi é missionário claretiano, São Paulo.

>>>> de um novo ramo de estudos psicológicos: a **Psicologia Positiva**. Esse importante conceito-termo foi criado pelo psicólogo americano Martin Seligman, em 1998. Para ele, a Psicologia poderia estudar mais que doenças, fraquezas, perdas, isto é, preocupar-se *com* e ocupar-se também *do* estudo dos pontos fortes, das virtudes do ser humano. Descobri, na leitura deste volume, que a busca por uma linguagem de mudanças positivas é um dos pontos para convergência de diversas áreas de investigação relevantes, dentre as quais a da *Inquirição*

Apreciativa (Diana Whitney), *Teoria da Esperança* (do eminente psicólogo C. R. Snyder) e da emergente *Linguística da Paz* (cf. meu livro: *Comunicar para o Bem. Rumo à paz comunicativa*, publicado pela Ave Maria, em 2002).

Em suma, endosso as palavras dos organizadores deste excepcional volume, em sua conclusão: Há poucos temas teóricos e práticos de tanta importância, neste século XXI, quanto a construção da paz. Na verdade, trata-se de uma desafiadora problemática universal e particular, cuja compreensão e implementação requerem o exercício responsável de algu-

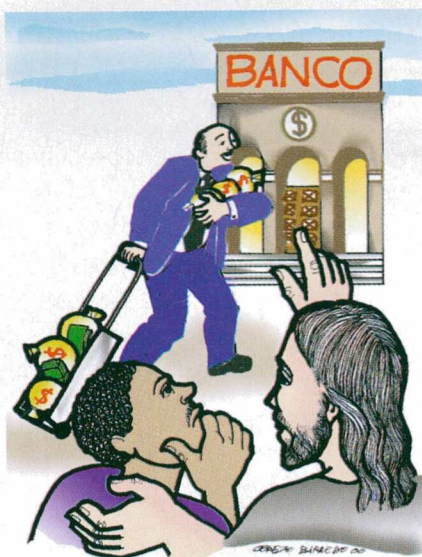
mas liberdades fundamentais, como: a liberdade de ser ouvido(a), liberdade de (inter)agir positivamente, liberdade de optar por contribuir, liberdade de sonhar comunitariamente e liberdade de relacionar-se para o bem da humanidade.

Em suma, um livro imperdível para todos os que compartilhem cosmovisões e modos de (inter)agir positivos, contribuindo assim, para a paz como medi(t)ação.



Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.



De quem serão as coisas que acumulamos?

18.º domingo do Tempo Comum
1.º de agosto

INTRODUÇÃO

Somos convidados a buscar o que vale mais, evitando a cobiça e o acúmulo inútil dos bens da terra.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ecl 1,2; 2,21-23

Por experiência, sabemos que a vaidade nunca se cansa de adquirir, nem a ganância de possuir sempre mais.

O trecho de nossa leitura se volta contra isso. Aconselha-nos um moderado aproveitamento de tudo o que Deus nos oferece. Convida-nos a alargar nossos horizontes e a não nos inclinarmos exclusivamente para vantagens pessoais. Dedicar nossa vida a acumular bens — diz o autor — é uma loucura.

Não obstante tanta miséria à nossa volta, que dificuldade, por exemplo, para abrimos mão de nossos esquecidos e poeirentos pares de sapatos... Ou como é problemático abrimos nosso guarda-roupas e doarmos algumas

das dezenas de blusas ou camisas! E, não obstante, compramos sempre mais sob pretexto de acompanhar a moda, que espertamente, a cada estação, muda cores e formatos...

Aquele, porém que se dedica às necessidades dos pobres, poderá ficar tranqüilo, porque não se agita em vão.

Sl 89,3-4.5-6.12-13.14 e 17

O salmo confirma essa reflexão. Primeiro, faz-nos reconhecer que a vida passa num instante: *mil anos, diante de vós, Senhor, são como o dia de ontem que já passou* (vv.3-4). Em seguida, leva-nos a orar para que o Senhor nos ensine a saber contar os nossos dias (reconhecendo-lhes a brevidade), para alcançarmos o saber do coração (v.12). Por fim, pedimos que Deus nos encha, não de dinheiro, mas *repouse sobre nós e favoreça as obras de nossas mãos!*

2.ª leitura Cl 3,1-5.9-11

O trecho da carta de Paulo reforça os pensamentos anteriores de nossa meditação. A princípio, parece que o Apóstolo nos ensina a desprezar o mundo à nossa volta, para só pensar no paraíso.

Mas não é verdade. Adiante, ele explica o que quis dizer: *Vós vos revestistes do novo homem, que se vai restaurando, constantemente, à imagem de Deus que o criou, até atingir o perfeito conhecimento.* “Conhecimento de quê” — perguntaremos nós? Conhecimento da caridade para nossos irmãos. *Aí, não haverá mais grego nem judeu, nem escravo nem livre...*

Como se conseguirá isso? — voltamos a indagar. ...*Suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos, mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem* (v.13). Foi esse *saber do coração* que pedimos a Deus, ao rezar o Salmo 89.

Por fim, uma reflexão muito conso-

ladora para nós que voltamos sempre aos mesmos erros. Temos dentro de nós (pelo batismo), a imagem do Criador, mas essa semelhança não atingiu ainda a sua plenitude, está coberta de muita sujeira, a ponto de ser quase impossível reconhecer em nós o semblante do Pai. Demora muito tempo. É preciso limpar-nos dos hábitos antigos, e só depois, lentamente, irá aparecendo a figura do homem novo.

Aclamação ao Evangelho - Mc 1,15

Evangelho Lc 12,13-21

Jesus resume, numa frase, a mensagem central deste domingo: *Guardai-vos, escrupulosamente, de toda a avareza, porque a vida de um homem, ainda que esteja na abundância, não depende de suas riquezas* (v.15). Dizemos isso, em nosso linguajar: “Dinheiro não traz felicidade”; se assim fosse, não haveria rico infeliz!

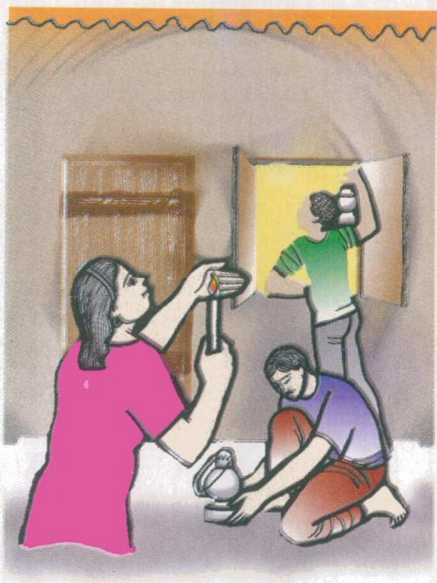
E, de novo, Jesus pergunta: *E as coisas que ajuntastes, de quem serão?* (v.20). Sábria pergunta que nos faz refletir sobre a insensatez de juntar por juntar bens terrenos. É evidente que não podemos dispensar o dinheiro, mas a felicidade deve ser buscada no amor aos irmãos. Esse, sim, é que vale a pena fazer crescer cada vez mais.

O resto ficará por aqui, disputado por quem só pensa em acumular bens exclusivamente para si. Essas desavenças sempre surgem quando se esquece uma verdade elementar: os bens deste mundo não nos pertencem, mas a Deus, que os destinou para todos os homens.

REFLEXÃO

Dispomo-nos a partilhar nossos bens com os pobres? Só praticamos a caridade com quem nos convém? Abrimos nosso coração para as pessoas necessitadas?





Atentos à voz dos irmãos!

19º domingo do Tempo Comum
8 de agosto

INTRODUÇÃO

Refletimos, domingo passado, sobre a atitude daquele que acumula bens para si e não pensa em partilhá-los com os necessitados. Hoje, meditamos sobre o segredo para evitar situação tão triste.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Sb 18,6-9

O autor do livro da Sabedoria ora ao Senhor, lembrando que o povo hebreu, embora em situação tão dramática como era peregrinar pelo deserto, teve nele o seu guia.

A fé em Deus os guiava, embora, em várias situações, alguns tivessem perdido o rumo, afastando-se do Senhor. Abriam, porém, seus corações à palavra de Deus e retomavam o “norte” de suas vidas: Javé.

Nós, também, confrontando-nos com a palavra de Deus, muitas e muitas vezes, damos conta de estarmos “desnorteados”. Prova disso é a verificação de nosso comportamento contrário à doutrina de Cristo.

Lá, os israelitas entraram em acor-

do e estabeleceram uma lei, fruto de oração: *compartilhar igualmente os mesmos perigos e os mesmos bens*, cantando, antes, os sagrados louvores de seus pais (v.9).

Nós, agora, somos convidados a nos arrependermos, profundamente, de ter enveredado por outros rumos, afundando-nos no vazio. O Espírito de Deus nos toca o coração com sua graça e nos sugere mudança de vida. Desta contrição interior, depende a autenticidade de nossa conversão para retomar o rumo de Deus e acolher a conseqüente reconciliação com ele e com os irmãos.

Sl 32, 1 e 12.18-19.20 e 22 (R./12b)

Cantemos com o salmista: feliz de quem tem Deus como “norte”. Tudo vem dele: *ele formou nosso coração e está atento a cada uma de nossas ações* (v.15). Nossa alma, portanto, espera no Senhor, *porque ele é nosso amparo e nosso escudo* (v.20).

2.ª leitura Hb 11,1-2.8-19

O autor começa apontando Abraão e Sara, como pessoas de fé.

Deus lhes tinha prometido descendência numerosa e muitas terras... No entanto, ambos morreram sem ter visto o cumprimento da promessa que o Senhor lhes fizera. Tiveram somente um pequeno sinal das promessas: um filho fraco e uma terra vista só de longe. Não obstante tudo isso, creram no Senhor.

Talvez o ponto culminante da prática religiosa daqueles personagens tenha sido o abandono das próprias seguranças para lançar-se no desconhecido. Também nossa crença é freqüentemente submetida a duras provas, cotidianamente, em nossas comunidades.

Mas, às vezes, achamos que nosso esforço para tratar bem os outros não é correspondido. Diante disso, somos tentados a desanimar e não ficar mais dando “murro em ponta de faca”

— como dizemos — e a nos fechar em nós mesmos.

É a soberba que toma conta de nós. Esquecemo-nos de que a “seara” não é nossa, mas do Senhor. Basta-nos dizer, com Abraão: *Deus é capaz de tudo, até de ressuscitar mortos!* (v.19) e, confiantes, prosseguir em nossa caminhada.

Aclamação ao Evangelho - Mt 24,42-44

Evangelho Lc 12,32-48

Jesus sabia que nós, seus discípulos, passaríamos pela tentação de fugir diante das gigantescas dificuldades que enfrentamos no apostolado, na comunidade, na família, no trabalho. Por isso, previniu-nos: *Não temais, pequeno rebanho, porque foi do agrado de vosso Pai dar-vos o Reino.*

Para que não puséssemos a confiança na eficácia dos bens materiais, acrescentou: *Vendei o que possuíis e dai esmolas...* E nos pediu permanente disponibilidade para o serviço, como aprendemos com as três parábolas.

O Senhor poderá chegar, ou melhor, ele chega a qualquer hora. É ele quem bate à porta sempre que um irmão (um filho, uma filha, o esposo, a esposa) precisa de nós e nos pede ajuda, interrompendo nossos afazeres. O egoísmo pode nos sugerir que devemos, primeiro, cuidar de nosso repouso, de nosso lazer e somente depois, atender os outros. Lembremo-nos das ocasiões em que precisamos de alguém e não fomos atendidos. Façamos aos outros o que gostaríamos que nos fizessem!

REFLEXÃO

Somos convidados a tomar Jesus como nosso “norte”. — Como agimos, na prática? Nosso amor aos irmãos muda, quando não somos compreendidos? Estamos disponíveis para o serviço dos irmãos, mesmo em hora “imprópria”?





Nossa companheira de viagem

Solenidade da Assunção de N. Senhora
15 de agosto

INTRODUÇÃO

A mãe de Jesus teve dúvidas, incertezas, angústias e tentações, como todos nós. Por isso, constitui-se nossa verdadeira “companheira de viagem”. Sua coragem e sua disponibilidade servem-nos de exemplo e conforto.

LEITURAS BÍBLICAS

1.^a leitura Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab

O Livro do Apocalipse foi escrito, pelo fim do século I d.C., e dirigido aos cristãos perseguidos, num período difícil para as comunidades da Ásia Menor. Por isso, era cheio de imagens, incompreensíveis para as autoridades que buscavam provas contra os cristãos a fim de os prenderem, mas facilmente inteligíveis para leitores acostumados com o Antigo Testamento.

Os três personagens principais são a mulher, o dragão e o menino recém-nascido. A “mulher” representava, antes de tudo, a comunidade de Israel e era a esse povo, composto por doze tribos, que se referiam as doze estre-

las. A lua — deus do mal, adorado no Oriente — foi vencido pelo povo dos santos. A mãe, da qual nasceu o menino, o Messias, era a mulher Israel. Assim como o Senhor tinha assistido o povo eleito, haveria de proteger a Igreja, de que Maria é imagem.

Sl 44,10bc.11.12ab.16 (R/.10b)

Com a Assunção de Maria, todas as mulheres são elevadas por Deus em sua beleza interior, liberdade e valorização. Será dessa beleza que se encantarão o Senhor: *Ouve, filha, vê e presta atenção: esquece o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantarão o rei; ele é teu Senhor!* (v.12).

2.^a leitura 1Cor 15,20-27

Paulo quer ajudar-nos a compreender o significado da vitória de Cristo sobre a morte.

Maria, com seu Filho, percorreu esse mesmo caminho e, com seu exemplo, convida, especialmente as mulheres, a continuarem lutando contra todas as formas de morte: fome, nudez, doença, ignorância, escravidão e preconceito.

A mulher traída, a mãe que possui um filho dependente da droga, a garota seduzida e abandonada são convidadas por Maria a não desanimar e crer no projeto de vida querido por Deus.

A mulher, a quem Deus confiou o dom da maternidade, tem dentro de si também a capacidade de desenvolver as sementes de vida no seio da sociedade e dentro de nossos lares. Haja vista sua sabedoria no gerenciamento de comunidades, empresas e famílias e o bom senso que a norteia nos momentos mais difíceis.

Aclamação ao Evangelho (da antífona da entrada)

Por isso, *alegramo-nos com os coros dos anjos*, porque com *Maria elevada aos céus*, as mulheres de todo o mundo descubrem sua vocação para

a vida e se libertam do preconceito e da exclusão.

Evangelho Lc 1,39-56

Originalmente, o cântico que se inicia com as palavras: *A minha alma engrandece o Senhor...* era atribuído à “virgem” Israel, pobre, humilhada, desprezada por todos os povos vizinhos, ricos e poderosos.

Lucas retomou este canto — que repete, quase ao pé da letra, as palavras da mãe de Samuel (cf. 1Sm 2,1-11) e versículos de alguns salmos —, pondo-os nos lábios de Maria. De fato, ela é a virgem Israel porque dela nasceu o Messias. No texto do cântico, encontram-se repetidas intervenções de Deus que não abandona seu povo.

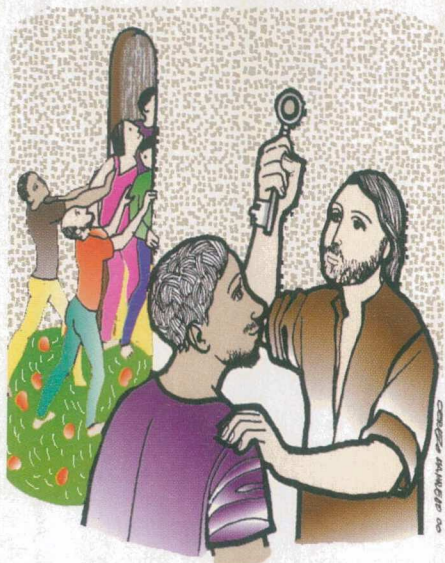
Maria é proclamada bem-aventurada porque acreditou no cumprimento das palavras do Senhor. Em toda a sua vida, cultivou a certeza de que, não obstante todas as aparências contrárias, a palavra do Senhor se realizaria.

A visita de Maria a Isabel revela a beleza do coração de Maria: tornar-se companheira de quem precisava dela. Fez tudo o que lhe era possível, esquecendo-se de si.

Quem quer ajudar, tem de sair de si, deixar seus compromissos, contrariar seus planos, desinstalar-se enfim. Mas sem lamentações! A visita da mãe de Jesus à mãe de João Batista nos mostra que o primeiro beneficiado pelo serviço ao irmão é quem se dá: uma alegria interior o inunda; no outro, nasce a gratidão, a esperança, a paz. É a presença do Espírito.

REFLEXÃO

Vencemos o preconceito contra a mulher e ajudamos a superá-lo? Valorizamos seu trabalho em nossos lares, no ambiente de trabalho, na comunidade? Aproximamo-nos de quem precisa e somos-lhe “companheiros”?



Ao único Deus, por caminhos diversos

21.º domingo do Tempo Comum
22 de agosto

INTRODUÇÃO

Todas as religiões devem ter assento na mesa do Pai. Um novo desafio nos é lançado. Desta vez, não para impor nossa verdade mas para, junto com os outros, banhar-nos nas águas do diálogo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 66,18-21

Os israelitas estavam convencidos de serem o único povo bom, justo e fiel a Deus. Mas, durante o exílio na Babilônia, passaram a observar que, ao contrário do que pensavam, os estrangeiros eram simpáticos, generosos e hospitaleiros. Sua vida familiar também era exemplar e guiada por princípios morais muito elevados...

Foi nessa época que começou a surgir a idéia de que o Senhor não era só Deus de Israel, mas dos demais povos também e que amava a todos, sem distinção de raça ou nação.

Será preciso que também aconteça conosco um "exílio" para nos fazer entender que os não-cristãos têm mui-

ta coisa a nos ensinar? Na teoria, defendemos a renovação de idéias, pelas quais afirmamos que todas as religiões levam ao mesmo Deus, mas, na prática, mantemos o preconceito e, o que é pior, achamos que nossa religião é superior às demais.

Sl 116,1.2 (Refrão Mc 16,15)

Temos que reconhecer que nosso coração está cheio de preconceitos e bater no peito, dizendo com o salmista que Deus quer ser louvado por todas as nações, sem discriminações, porque *sem limites* é sua misericórdia!

2.ª leitura Hb 12,5-7.11-13

Pode-nos parecer uma novidade muito grande, um escândalo até, reconhecer que também as outras religiões salvam.

Parecemos como crianças pequenas que não querem dividir o seu brinquedo com as outras ou com os irmãos. Os pais têm de armar-se de muita paciência para educá-las a se abrirem e a, pouco a pouco, aprenderem a difícil arte da partilha.

O trecho da *Carta aos Hebreus* exorta-nos a não esquecer a educação do Senhor e a não ficarmos abatidos quando nos corrige. Ele nos dá sua graça para crescermos, espiritualmente, e sermos mais generosos e sensíveis, menos egoístas, também em matéria de convivência religiosa. O fruto disso é a paz, a justiça, a alegria!

Tal mudança de hábitos deve começar em casa. Se quisermos ser sempre os donos da verdade, impor nossa vontade e desprezar quem não pensa como nós, como iremos aceitar que outras Igrejas cantem e orem de modo diferente do nosso?

Aclamação ao Evangelho Lc 13,29

Jesus, ao responder à pergunta: *Senhor, são poucos os que se salvam?*, assim disse: *Virão do oriente e*

do ocidente, do norte e do sul, e sentar-se-ão à mesa do Reino de Deus, para a religião da vida!

Evangelho Lc 13,22-30

A educação para esta "religião da vida" é muito dolorosa, sobretudo, para aqueles que se aferraram à religião no seu aspecto de exterioridade, de formalidade.

Qual é a nossa religião: a da vida ou a das palavras, dos rituais, do culto? O evangelho põe em contraposição estas duas formas de praticar religião e nos convida a analisar, com muita seriedade, qual é a nossa.

A pergunta dirigida a Jesus foi mal formulada. Jesus a corrige. Não fala sobre o fim do mundo, mas como fazer para ser discípulo seu. A condição é uma só: *procurai entrar pela porta estreita, porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão* (v.24). Só há uma maneira de se passar por uma porta estreita: *tornar-se pequeno*.

Não podemos ser seus discípulos se não renunciarmos a ser grandes, poderosos, dominadores. Ora, agimos dessa forma quando desprezamos as religiões dos outros, achando que a nossa religião é a maior e que só a nossa maneira de rezar é que leva a Deus.

Jesus usa palavras duras para nos alertar do erro grave de só nós nos considerarmos "santos", "puros", "justos" pelo simples fato de pertencermos à comunidade cristã!

REFLEXÃO

Podemos afirmar que em nossa comunidade, em nossa casa, não há discriminações? Aferramo-nos à nossa religião a ponto de desprezar a dos outros? Nosso testemunho de Cristo é feito só de palavras e ritos? Na hora de prestar serviço, fazemos distinções de pessoas?



Evangelho não as partilhar com os irmãos. Se anunciamos o Amor, não é preciso dizê-lo, mas mostrá-lo com nossas atitudes. Servir aos irmãos glorifica a Deus pois acaba com nosso egoísmo, competição e ostentação.

Salmo de meditação: 67,4-5ac.6-7bc.10-11 (Refrão: 11b) — O salmista compara os dons, que Deus nos dá, à chuva gratuita: *Sobre vossa herança fizestes cair generosa chuva e restaurastes suas forças fatigadas* (v.10).

2.ª leitura Hb 12,18-19.22-24a

Essa atitude fraterna tem em si imbutida a idéia de um Deus que é nosso Pai. Dentro da pedagogia divina, ele se tinha manifestado a Moisés e a seu povo, cercado de um clima assustador: línguas de fogo, trovões, escuridão...

Agora, passamos por uma experiência religiosa completamente diferente. Dirigimo-nos ao Deus revelado por Cristo, sem qualquer receio. Convictos de que temos um Pai que nos ama e nos enche de dons, gratuitamente, somos convidados a imitá-lo e a dividi-los com os irmãos, sem esperar nada em troca.

Essa verdade nos é lembrada sempre que participamos da missa. Antes da comunhão, no momento em que o sacerdote reparte o pão consagrado conosco, repete a ação do Senhor que dividiu o pão entre os discípulos. Infelizmente é um rito pouco valorizado, porque é realizado enquanto estamos todos absorvidos pelo abraço da paz.

Por isso, Fração do Pão foi o primeiro nome que foi dado à missa. O mais importante, porém, é aplicarmos esse gesto à nossa vida comunitária. Participar da Ceia de Cristo sem a convicção de que devemos dividir os dons que Deus nos deu com os irmãos é desperdiçar nosso tempo.

Aclamação ao Evangelho: Lc 4,18

Evangelho Lc 14,1.7-14

Meditemos sobre Jesus muito humano, conversando, rindo, participando das brincadeiras e querendo ver os irmãos alegres, tranquilos e felizes.


Tal estado de espírito só pode coexistir com a fé num Deus-Pai, misericordioso. Usar de compaixão é ser humano, compreensivo, sobretudo sabendo abrir mão de nosso amor-próprio ferido, e perdoar.

É dessa maneira que Jesus trata o fariseu que o tinha convidado para comer em sua casa. O que diz já era conhecido dele. Não te coloques no lugar dos grandes, pois é melhor ouvir: 'sobe mais', ao invés de ser humilhado diante de um superior (Livro dos Provérbios, 25,6-7).

Mas o ensinamento é que era novo. *Eu quero a misericórdia e não o sacrifício, disse Jesus, citando o profeta Oséias, 6,6* (Leia Mateus 9,13). Usar de misericórdia é ser humano, respeitar os que têm opinião diferente da nossa. Dentro de casa, quer dizer perdoar sempre, amando os outros como a nós mesmos. Não esperar que os outros nos amem, mas amar primeiro. Só assim estaremos nos convertendo para o amor sem distinção, respeitando, inclusive, os que abraçam outras religiões.

Aproximando-nos de Cristo e seguindo seus conselhos, assumimos atitudes de amor para com os irmãos e aderimos à religião da alegria e da festa.

REFLEXÃO

O que representa para nós sermos humildes? Estamos sempre dispostos a dividir os dons de Deus com os irmãos? Entendemos o que Jesus quis dizer quando afirmou: *Eu quero a misericórdia e não o sacrifício*? Servimos os irmãos com alegria? 

Servir aos irmãos com alegria!

22º domingo do Tempo Comum
29 de agosto

INTRODUÇÃO

Cristo nos revela que sua vitória coincide com a aparente derrota, e sua força está naquilo que os outros consideram fraqueza.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Eclo 3,19-21.30-31

Asabedoria não está na prudência humana nem em ter poder, força. Porque nossa prudência não nos leva ao "risco" de um amor mais universal; e a sede de domínio só faz vítimas, não dá a vida.

Os conselhos, apresentados nesta leitura, dirigem-se evidentemente tanto aos mais elevados quanto aos mais simples. Ambos são iguais diante de Deus, que, da mesma forma, enche-os com seus dons, embora diversos. Humildade, portanto, não é buscar ser desprezado pelos outros, mas colocar-se a serviço deles em tudo.

Não é antievangélico reconhecer que temos qualidades (afinal, todas nos foram dadas por Deus), mas é contra o

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE AGOSTO

18.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

2 - segunda: Jr 28,1-17 = Conflito entre Jeremias e o falso profeta Ananias. Sl 118. Mt 14,13-21 = Primeira multiplicação dos pães.

3 - terça: Jr 30,1-2.12-15.18-22 =

Somente Deus curará seu povo! Sl 101. Mt 14,22-36 = Jesus anda em cima da água; Pedro vacila.

4 - quarta: Jr 31,1-7 = Eu te amo com amor eterno. Cânt.: Jr 31,10-13. Mt 15,21-28 = Mãe cananéia implora a cura da filha: exemplo de fé!

5 - quinta: Jr 31,31-34 = Deus promete uma nova aliança. Sl 50. Mt 16,24-28 = Renúncia, para seguir Jesus.

6 - sexta: *Transfiguração do Senhor.* Dn 7,9-10.13-14 = Suas vestes eram brancas como a neve. Sl 96. Lc 9,28b-36 = Moisés e Elias falavam da morte que ele devia sofrer.

7 - sábado: Hab 1,12 — 2,4 = Vou espreitar o que me dirá o Senhor. Sl 9. Mt 17,14-20 = Cura do menino epiléptico.

20.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

16 - segunda: Ez 24,15-24 = Morte da esposa; não deplorar a ruína de Jerusalém. Cânt.: Dt 32,18-21. Mt 19,16-22 = O jovem rico: dá o que tens, vem e segue-me!

17 - terça: Ez 28,1-10 = Ode fúnebre ao rei de Tiro. Cânt.: Dt 32,26-36. Mt 19,23-30 = Apego às riquezas impede a salvação.

18 - quarta: Ez 34,1-11 = Oráculo contra os pastores infieis. Sl 22. Mt 20,1-16a = Parábola dos operários da vinha, contratados sucessivamente.

19 - quinta: Ez 36,23-28 = Para santificar seu nome, Deus vai renovar os corações. Sl 50. Mt 22,1-14 = Parábola da festa das bodas: convidai todos!

20 - sexta: Ez 37,1-14 = O Espírito reanimará os ossos ressequidos. Sl 106. Mt 22,34-40 = O grande mandamento: amar a Deus e ao próximo.

21 - sábado: Ez 43,1-7a = A glória de Deus enche novamente o templo. Sl 84. Mt 23,1-12 = Ouvir, mas não imitar os fariseus.

19.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

9 - segunda: Ez 1,2-5.24-28c = Visão do carro divino — a glória de Deus. Sl 148. Mt 17,22-27 = Segundo anúncio da Paixão; Jesus paga o imposto.

10 - terça: S. Lourenço, *diácono.* 2Cor 9,6-10 = Deus ama o que dá com alegria. Sl 111. Jo 12,24-26 = Se alguém me serve, meu Pai o honrará.

11 - quarta: Ez 9,1-7;10,18-22 = A glória de Deus vai abandonar o templo. Sl 112. Mt 18,15-20 = Correção fraterna; oração comunitária.

12 - quinta: Ez 12,1-12 = Bagagem do emigrante, símbolo da deportação que virá. Sl 77. Mt 18,21—19,1 = Parábola do servo cruel.

13 - sexta: Ez 16,1-5.60.63 = A esposa infiel. Cânt.: Is 12,2-6. Mt 19,3-12 = Contra o divórcio.

14 - sábado: Ez 18,1-10.13b.30-32 = Responsabilidade: cada um responderá por si. Sl 50. Mt 19,13-15 = Jesus e as crianças.

21.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

23 - segunda: Santa Rosa de Lima. 2Cor 10,17—11,2 = Eu vos desposi com um esposo único, o Cristo. Sl 148. Mt 13,44-46 = Tesouro escondido; pérola preciosa.

24 - terça: S. Bartolomeu, *Apóstolo.* Ap 21,9b-14 = Sobre os alicerces estão os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Sl 144. Jo 1,45-51 = Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento.

25 - quarta: 2Ts 3,6-10.16-18 = Conselhos diversos: oração e trabalho. Sl 127. Mt 23,27-32 = Escribas e fariseus: sepulcros caiados, assassinos dos profetas!

26 - quinta: 1Cor 1,1-9 = Saudação da carta e ação de graças. Sl 144. Mt 24,42-51 = Exortação à vigilância.

27 - sexta: 1Cor 1,17-25 = Sabedoria do mundo e loucura da cruz. Sl 32. Mt 25,1-13 = Parábola das cinco jovens prudentes e das cinco imprudentes.

28 - sábado: 1Cor 1,26-31 = O que há de humanamente desprezível, isso Deus escolheu. Sl 32. Mt 25,14-30 = Parábola dos talentos.

22.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

30 - segunda: 1Cor 2,1-5 = Simplicidade da pregação do apóstolo. Sl 118. Lc 4,16-30 = Jesus, rejeitado em Nazaré.

31 - terça: 1Cor 2,10b-16 = Sabedoria evangélica revelada pelo Espírito. Sl 144. Lc 4,31-37 = Cura de um possesso em Cafarnaum.

Roupa suja se lava...

Wimer Botura Jr.

(Continuação)

Existem pais que cumprem ao pé da letra o ditado “roupa suja se lava em casa”: são extremamente irritadiços, dispersos e desinteressados, quando estão em família e com seus filhos. No entanto, na frente de alguma pessoa amiga, mudam radicalmente seu comportamento, tornando-se afetuosos com as crianças, elogiando seus feitos e conquistas. Na maioria das vezes, são simpáticos e até submissos às visitas. Num jogo duplo e inconsciente, negam seus filhos e a si mesmos, assim como devem ter sido negados em sua infância pela sua família de origem. Isto funciona como uma bomba que vai passando de mão em mão, de geração em geração.

A criança que se desenvolve neste ambiente estará aprendendo que ela mesma não tem importância alguma e o outro é o fundamental; experimentará a negação de si mesma na realidade e isto poderá fazer com que cresça sem *self* (autovalorização): No futuro, serão adultos que não sabem o que querem, terão suas vidas paudadas por aquilo que parece imposição do outro e não pelas suas necessidades. Como o querer estará centrado no outro, desenvolverão uma capacidade de adivinhar as expectativas dos outros, de forma inconsciente, e tomarão aquilo como se fossem suas vontades. Viverão como a maioria das pessoas, fazendo aquilo que acham que os outros querem, e nem sequer tomam contato com o seu verdadeiro querer.

“Marinheiro que não sabe para onde vai, vento não ajuda” ou “Nem Deus ajuda quem não sabe o que quer” são frases que caracterizam bem esta situação. Para saber o que se quer é preciso tomar contato com nossa própria essência,

saber o que se sente, porque é através do sentir que a pessoa começa a saber o que quer. Por isso, “lavar a roupa suja em casa” funciona como elemento destruidor das pessoas, serve apenas para adaptá-las a normas que, na maioria das vezes, não existem, a não ser na cabeça dos pais submissos e envergonhados.



Foto: Avelino S. de Godoy

“Lavar a roupa suja em casa” funciona como elemento destruidor das pessoas, serve apenas para adaptá-las a normas que, na maioria das vezes, não existem, a não ser na cabeça dos pais submissos e envergonhados.

Dentro do universo das agressões silenciosas, esta traz todas as características da gravidade, pois é uma relação familiar bastante comum, aparentemente inocente e socialmente estimulada. Uma outra prova disto é a questão da própria sala de visitas, muito mais valorizada que as demais partes da casa, como se a parte em que “nós vivemos” fosse menos importante que aquela onde ficam as visitas de vez em quando. Você já reparou que existem famílias

que reservam uma área de sua casa que está sempre mais limpa, com os sofás forrados, à espera das visitas que poderão vir um dia, e que serão muito bem tratadas, até bajuladas, enquanto as pessoas da família são tratadas com descuido? Pior, quando as visitas forem embora, os anfitriões passarão imediatamente a falar mal delas, ou a discutir o comportamento de um ou outro membro da casa que não se portou corretamente diante delas.

E o que seria normal, acaba sendo raro e excepcional na família: a valorização intrínseca das pessoas da família, sem se imprimir medos desnecessários e colocá-las em uma berlinda constante. As pessoas que ousam mudar os padrões socialmente estabelecidos — padrões esses formulados muito mais pelos enganos de percepção e de avaliação do que pela realidade concreta e objetiva — estão sempre expostas às críticas daqueles que aceitam permanecer em estado de frustração. Quem não consegue olhar para sua situação de fracasso escolhe destruir ou diminuir os resultados obtidos pelo que ousou mudar.

A supervalorização do outro, com a conseqüente desvalorização de si mesmo, está estampada no filme *Gente como a gente*, dirigido por Robert Redford, produzido por Ronald Schwary, baseado na novela *Ordinary people*, de Judith Guest, realmente uma obra que deve ser vista. A autora da novela deu-lhe um nome muito sugestivo, de pessoas comuns, corriqueiras, e trata de personagens próximos a nós.

Na próxima revista, veremos um pouco mais sobre isso e suas implicações com a realidade.

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.

Vamos cozinhar?!

Entrada SALADA DE FOLHAS VERDES

Modo de preparar:

Fazer uma salada de folhas verdes muito bem temperada.



Prato principal TORTA DE PIQUENIQUE

Ingredientes para a massa:

250 g de farinha de trigo
125 g de margarina
3 colheres/sopa de água fria
1 gema

Recheio:

1 maço de espinafre
1/2 cebola batidinha
1 colher/sopa de manteiga ou margarina
e outra de maisena
1 xícara/chá de leite

Demais ingredientes:

200 g de alho-porró batidinho
1 pimentão vermelho picadinho
200 g de presunto, picadinho
1 colher/chá de alecrim picado
1 colher/café de pimenta-do-reino
100 g de mussarela em fatias

Ingredientes para o creme:

3 ovos
1 copo de leite e sal

Modo de preparar:

1. Faça a massa, colocando em uma vasilha os ingredientes indicados e misture com a ponta dos dedos, sem sovar nem bater, até ficar uma massa lisa e homogênea. Deixe descansar durante 1 hora, em lugar fresco.
2. Ligue o forno e deixe ficar bem quente. Abra a massa, forre com ela uma forma de aro removível untada com manteiga. Com um garfo, faça furos na massa, que está na assadeira. Coloque no forno durante 10 minutos.
3. Enquanto isso, lave as folhas de espinafre e cozinhe-as sem água. Escorra e bata com uma faca até ficar feito massa. Leve ao fogo uma colher de manteiga, a cebola batidinha, o alho-porró, o espinafre e sal. Adicione a maisena dissolvida no leite e mexa até a mistura ficar cozida e cremosa.
4. Tire a fôrma do forno e encha-a com o creme de espinafre. Coloque por cima o presunto cortado em tiras, alecrim, pimentão picadinho e pimenta-do-reino.
5. Bata os ovos com 1 copo de leite e sal. Despeje na fôrma, sobre o presunto. Cubra com as fatias de mussarela (ou queijo prato).
6. Abra a massa que sobrou e corte em tiras. Disponha-as em xadrez sobre a torta e leve-a ao forno mais uns 25 minutos.

Sobremesa SOBREMESA DE LARANJA

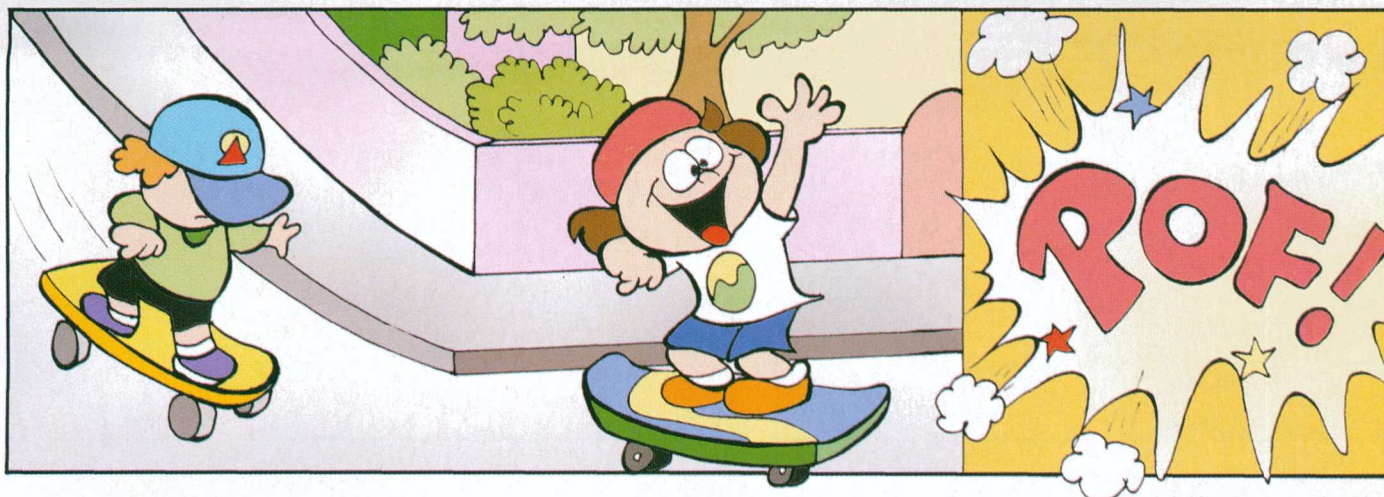
Ingredientes para a massa:

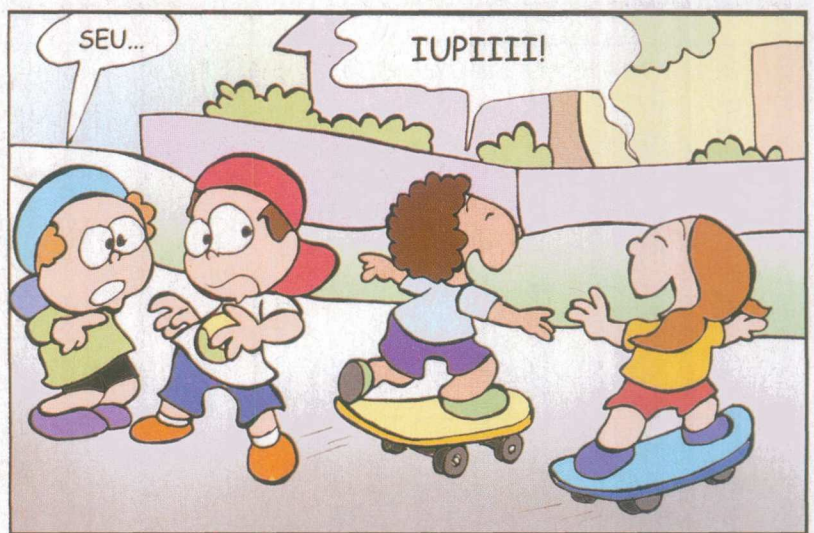
2 latas de leite condensado
1 lata (das de leite condensado) de suco de laranja
4 gemas
4 claras
8 colheres/sopa de açúcar

Modo de preparar:

1. Bata no liquidificador o leite condensado, o suco de laranja e as gemas.
2. Coloque em um pirex retangular médio e leve ao forno moderado, em banho-maria por 30 minutos.
3. Quanto estiver assado, bata as claras em neve, junte o açúcar e espalhe o suspiro sobre o doce, colocando no forno por mais 5 ou 10 minutos. Deixe esfriar e coloque na geladeira.







IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

NOVA PROMOÇÃO

Grátis!



COLEÇÃO "SANTOS - OS AMIGOS DE JESUS"



ESCOLHA UM LIVRO PARA VOCÊ E UM PARA CADA NOVO ASSINANTE!

• Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha **1 livro** e o novo assinante ganha **outro**.

• Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (**R\$ 25,00**) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (**R\$ 25,00**) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:

- 1) Banco Itaú - Agência 0061 – Conta Corrente 51519-3 ou
- 2) Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0

• Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

Depois envie os cupons abaixo preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

**Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - 1º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

• Mais informações: Ligue grátis **0800-555-021**

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:.....

Endereço:

.....Cidade: Est.: CEP: - -

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:.....

Endereço:

.....Cidade: Est.: CEP: - -

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

MARIA
AVE
REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
CORREIOS